

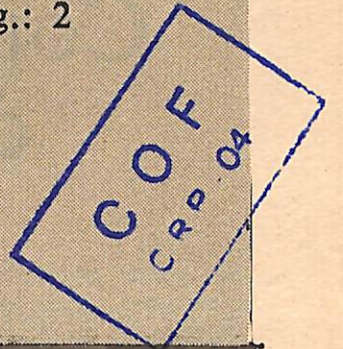
Belo Horizonte
Ano 8
Número 25
Setembro/Outubro — 1988

JORNAL DO PSICÓLOGO



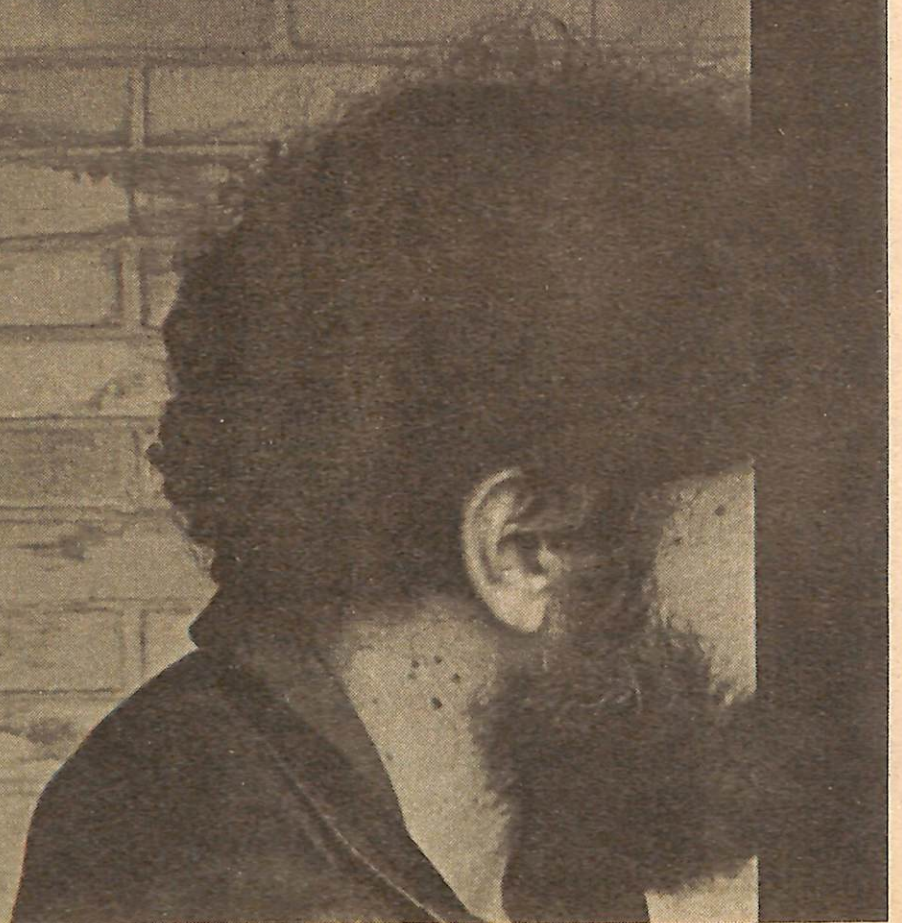
NESTE
NÚMERO

- Editorial: Congresso Nacional dos Psicólogos. Pág.: 2
- Entrevista — Edgardo Campos Melo. Pág.: 4
- A crise da saúde pública do Estado. Pág.: 5
- Mata Atlântica: destruição irreversível. Pág.: 7
- Psicólogo junto à cardíacos. Pág.: 8



Saúde Pública

A insensatez deixa um grande vazio





Congresso Nacional dos Psicólogos Por que não?

Os Conselhos Profissionais são organismos profundamente questionáveis...

Instituídos autoritariamente de "cima para baixo", policialescos na sua organização e legislação, compulsórios na exigência da afiliação e contribuição financeira, normalmente são distanciados dos interesses das categorias que os sustentam.

Propostas para sua extinção não faltam. A necessidade de sua transformação, entretanto, é tese que gradativamente tem ganhado corpo entre os profissionais das diversas categorias.

No caso da Psicologia, em um movimento nacional, os Conselhos têm-se constituído, paulatinamente, em espaços importantes para a formulação de um projeto técnico e político de constituição social da nossa cate-

goria. Conscientes da carência de organizações associativas mais sólidas para o exercício da representação dos psicólogos, estes Conselhos estão se tornando uma importante possibilidade de organização, inclusive para o fortalecimento dos Sindicatos da Classe.

O CRP-04 tem jogado todo o seu peso para cumprir este papel. Assim, as comissões de trabalho — hoje em funcionamento — os programas de interiorização e de divulgação da profissão; os diversos eventos promovidos em várias áreas de atuação profissional, bem como os posicionamentos públicos firmados têm apontado nesta direção.

Isto, a despeito de toda uma legislação e estrutura organizativa que nos limita como uma camisa-de-força e impede maiores avanços.

Colocamos hoje em questão a le-

gislação e a estrutura dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, bem como seus respectivos papéis.

A ocasião é propícia. Apesar do distanciamento e da pouca participação, é o momento de eleição para os dois conselheiros que devem representar a 4ª Região (MG/ES) no plenário do Conselho Federal de Psicologia.

Abrindo mão de indicá-los com a participação apenas dos conselheiros do CRP-04 — prerrogativa anti-democrática inaceitável, que consta em nossa legislação atual, desencadeamos o processo para elegê-los em assembléia.

Mas isso não basta. Entendemos que, apesar dos esforços do CFP e Regionais, a legislação e a estrutura arcaica dos Conselhos — produzidas nos tempos de Ditadura Militar — constituem-se nos mais importantes entraves para que os mesmos possam, efetivamente, refletir os interesses dos psicólogos e estabelecer uma atividade participativa em seu interior.

O CRP-04 entende que a Democracia não é apenas promover eleições de tempos em tempos e convocar os psicólogos para o voto. Mas, principalmente, chamar os que

sustentam esta entidade para decidirem sobre as leis que devem regê-la, bem como sobre seus princípios e formas de organização.

Por isso, este Regional tem encaminhado, a nível nacional, a proposta de realização, em 1989, do Congresso Nacional dos Psicólogos. Fórum no qual, em igualdade de condições, todos os inscritos possam decidir sobre os rumos desta Autarquia. Que o mesmo seja precedido, em abril, por um Encontro Nacional de Entidades de Psicologia, visando buscar seu apoio a este evento.

Que sejam realizados em todo o país, Congressos Regionais de Psicólogos que elejam os delegados para o Congresso Nacional. E que esta possa cumprir o papel de uma Constituinte, definindo os rumos dos Conselhos Federal e Regionais. Que possa ser, também, o momento de produção de um discurso nacional da categoria dos psicólogos sobre a realização brasileira em que se inserem, enquanto cidadãos, assim como um espaço para debates e reflexões sobre seus problemas técnicos-profissionais.

Final, Democracia é coisa muito séria.

5º Plenário do CRP-04



NOTAS

Propostas do 5º Plenário

No dia 1º de setembro foi realizada a Assembléia Geral Ordinária dos Psicólogos, para a qual foram convocados todos os profissionais inscritos. O 5º Plenário apresentou o resultado de um ano de trabalho e, junto aos profissionais presentes, expôs seu plano de atuação para o ano de 1989, aprovado pela Assembléia.

Entre as metas, incluem-se a realização de atividades através de articulação Conselho/Comunidade; a ampliação, estruturação e reformulação dos Escritórios Setoriais já existentes; a criação de escritórios Setoriais na cidade de Montes Claros e na Região do Triângulo Mineiro; a elaboração de um cadastro profissional, no qual é identificada a área de atuação de cada profissional; a ampliação da sede e patrimô-

nio do CRP-04; a implantação do projeto de Comunicação visando trabalhar a imagem institucional da Psicologia na 4ª Região.

Além disso, foi fixada a anuidade de 1989 em 2,0 MVR e proposta a elaboração de uma tabela mínima de honorários profissionais dos psicólogos, concomitante com o cadastro profissional. O acordo firmado entre as clínicas de captação e Avaliação de Recursos Humanos, no qual fica estipulado o valor mínimo de 2,0 OTN para psicólogos e referendado pelo 5º Plenário, foi ratificado em Assembléia.

A proposta retirada em reunião do Conselho Consultivo, de cada Regional deve contribuir em 0,1 do MVR por inscrito, para a publicação da revista "Psicologia Ciência e Profissão", deve retornar ao Conselho Federal de

Psicologia para ser melhor discutida. Caso prevaleça a decisão do Conselho Consultivo, a proposta é de que um representante de cada regional faça parte do Conselho Editorial da revista.

O 5º Plenário apresentou, na Assembléia, proposta de eleição de dois psicólogos — não necessariamente membros do Plenário do CRP-04 para conselheiros federais, representantes da 4ª Região. Para isso, já foi enviado o edital de uma assembléia convocada para esse fim a cada psicólogo inscrito no CRP-04. Os psicólogos eleitos terão como compromisso trabalhar por eleições diretas para o CFP e a convocação de um Congresso Nacional de Psicólogos, com a finalidade de redefinir a estrutura, forma e funcionamento do Conselho Federal e dos Regionais, entre outros assuntos.

Eleições no Psind-MG

A Junta Governativa do Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais está convocando os psicólogos a participarem do processo eleitoral, seja através do voto, seja através da inscrição de chapas. Estas devem se inscrever até 1 a 15 de novembro.

As votações acontecerão no dia 30 de novembro, em duas urnas: uma no próprio Psind-MG, outra no Conselho Regional de Psicologia. A chapa vencedora toma posse no dia 11 de dezembro. A duração do mandato, até agora definida em três anos, poderá ser alterada na Convenção dos Psicólogos que acontece em 9 de novembro.





Interdisciplinaridade: A melhor opção

Em setembro, o auditório do Colégio Monte Calvário foi palco de discussão sobre a atuação do psicólogo na escola, enquanto membro de uma equipe multiprofissional. Cerca de 300 pessoas, entre psicólogos, pedagogos, professores, diretores de escolas e estudantes, participavam do "2º Encontro de Psicologia Educacional".

No Encontro, a interdisciplinaridade na escola foi apontada pelos presentes como a melhor forma visando aprimoramento do sistema de Educação atual. Principalmente, porque a escola conserva modelos tradicionais, incompatíveis com as novas teorias e práticas dos

profissionais que atuam na área, e também, com o tipo de vida dos próprios alunos.

Cada vez mais, profissionais de diferentes áreas têm demonstrado interesse em trocar experiências, confrontar idéias e ampliar a visão de realidade, o que tem sido impedido pelo isolamento profissional.

Mas existem algumas dificuldades para a concretização do trabalho interdisciplinar dentro de uma escola. Historicamente, os profissionais da Educação se acostumaram a trabalhar isoladamente. Com a interdisciplinaridade, o profissional, independente da es-

pecialização, pode perder noção de delimitação de espaço, ficando sujeito a conflitos em virtude desta mudança.

No caso específico dos psicólogos, a inserção no trabalho em equipe é ainda mais difícil. Primeiro porque sua formação na área educacional é, em geral, precária, já que a maior parte dos cursos de graduação está voltada para a formação clínica. E a escola, na medida em que quer manter sua estrutura, reforça esta postura. O psicólogo acomoda-se neste papel, pois sente-se despreparado para modificar esta imagem.

Em conseqüência, na sua condição

de terapeuta, o psicólogo tende a focalizar na criança todas as problemáticas da escola. Tratando os casos individuais e esquecendo-se do contexto institucional, o trabalho do psicólogo fica isolado, e distorcida a sua função educacional.

Por isso, o 2º Encontro de Psicologia foi considerado um grande passo no sentido de ampliar a discussão sobre o setor de Educação, principalmente para os psicólogos. É através do confronto com outros profissionais que o psicólogo pode formar sua identidade na escola, e assim, desempenhar a função a que se propôs.

Projetos e Balancete

Atendendo à decisão da Assembléia Geral Ordinária, realizada no dia 1º/09/88, o 5º Plenário divulga seu Balancete de agosto/88 e aproveita para relatar algumas das atividades desenvolvidas até agora.

O 5º Plenário do CRP-04 (86/89), busca incrementar sua ação, direcionando suas atividades para os psicólogos em suas respectivas áreas de atuação. Paralelo a isso, estar presente nos movimentos sociais, solidarizando-se com os profissionais e a comunidade, em torno do contínuo aprimoramento e ampliação dos serviços de saúde pública prestados, não se esquecendo do aspecto econômico envolvido — é, para este Conselho, questão de honra.

Assim, além de cumprir sua função legal — "orientar, disciplinar, e fiscalizar" o exercício da Psicologia —, ao promover o aprimoramento do Jornal do Psicólogo, e o lançamento do suplemento Escuta, além da co-edição do "Jornal dos Conselhos" — onde a AIDS foi o tema — o CRP-04 entende que caminha no sentido de tornar a ligação Conselho/Categoria algo não só meramente burocrático.

A Pesquisa do Mercado de Trabalho Potencial do Psicólogo, os encontros de Psicologia Educacional e dos Psicólogos da Saúde Pública de Minas Gerais; o Programa de Interiorização do CRP-04; o apoio político, físico e financeiro à demandas de profissionais que trabalham em clínicas conveniadas com a LBA — Fundação Legião Brasileira de Assistência, e aos concursados da Fhemig — Fundação Legião Brasileira de Assistência, e aos concursados da Fhemig — Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, e outros, são, hoje, rotina nesta entidade dos profissionais de Psicologia.

Não são esquecidas as associações de psicólogos e suas promoções, e, sempre que o Conselho é acionado, busca atender à demanda, dividindo a responsabilidade com aqueles que a fazem: em última instância, são eles que conhecem o problema trazido e, melhores do que ninguém, têm capacidade de desenvolver o trabalho necessário para conseguir seus objetivos.

A intenção do 5º Plenário é fazer muito mais: — O desenvolvimento de um projeto de comunicação que deflagrará um movimento de divulgação massiva dos serviços prestados pelos psicólogos. No projeto, também o trabalho interno à Categoria será privilegiado, quer em seus aspectos éticos, quer na reciclagem profissional.

Gerado a partir de uma pesquisa com todos os inscritos, psicólogos e pessoas jurídicas, o Cadastro Profissional acabará com uma lacuna hoje existente: — saberemos onde estão os psicólogos, o que fazem, como se orientam teoricamente, quais materiais utilizam em seu trabalho, como reciclam seus conhecimentos profissionais, quais serviços prestam as firmas inscritas no Conselho, dentre outros dados. A partir do Cadastro, é possível a edição de uma guia, onde estejam todos os profissionais, agrupados por cidades e especialidades.

Paralelo ao Cadastro Profissional, e atendendo à reivindicação dos psicólogos da 4ª Região, pesquisaremos salários e honorários, dados esses imprescindíveis para a elaboração de uma tabela onde estejam valores mínimos a serem cobrados pela Categoria.

ARRECADAÇÃO DO CRP-04 ATÉ 31/08/88

DISCRIMINAÇÃO	VALORES (Cz\$)	
	UNITÁRIOS	SUB-TOTAIS
1 — Anuidades — Pessoas Físicas (PF).....	17.487.527,19	
2 — Anuidades — Pessoas Jurídicas (PJ).....	263.077,52	
* Sub-total A		17.750.604,71
3 — Taxa de Inscrição (PF).....	183.147,03	
4 — Taxa de Inscrição.....	28.614,53	
5 — 2ª Via de Carteira.....	25.541,00	
* Sub-total B		237.302,56
6 — Aluguel.....	190.000,00	
7 — Aplicações Financeiras.....	13.904.849,40	
* Sub-total C		14.094.849,40
* Sub-total D (A + B + C)		32.082.756,67
8 — Repasse do Conselho Federal.....	2.359.657,30	
* Sub-total E		2.359.637,30
TOTAL ARRECADADO (D + E).....		34.442.393,97

Esclarecimentos

Nos itens 1 e 2 estão somados valores referentes não só a 1988; neles incluem-se, também, débitos de 83 a 87, agora recebidos, bem como multas e juros de mora. No item 6 (aluguel), encontram-se contabilizados os aluguéis recebidos pela locação de uma sala de

propriedade do CRP-04, localizada em prédio diverso ao que abriga a nossa Sede. Com o valor do aluguel, pagamos uma sala no mesmo prédio da Sede, onde funciona Sala de Reuniões.

Como as anuidades são arrecadadas, em sua maioria, até o dia 31 de março, e considerada a escala da inflacionária que agita o Brasil, todo o dinheiro arrecadado é aplicado, buscando manter o poder aquisitivo da moeda. Assim, o valor encontrado no item 7 nada mais é do que o resultado da aplicação do dinheiro recebido pelo CRP-04.

Finalizando, um esclarecimento a respeito do item 8 "Repasse do Conselho Federal": — de acordo com a lei que instituiu os Conselhos de Psicologia, devem os Regionais remeter ao Federal 1/3 (um terço) de sua receita (33,33%). Atualmente, por força de um acordo, os CRPs remetem, na realidade, 25% (vinte e cinco por cento) da receita; o "repasse" é diferença que retorna aos Regionais (ver, no quadro "Despesas do CRP-04", o item "Cota-parte do CFP").

DESPESAS DO CRP-04 ATÉ 31/08/88

DISCRIMINAÇÃO	VALORES (Cz\$)
1 — Folha de Pagamento.....	5.858.440,68
2 — Gastos com o Plenário.....	658.277,83
3 — Cota-parte do CFP.....	5.995.696,25
4 — Diária.....	793.967,17
5 — Transportes.....	464.082,55
6 — Serviços Técnicos Profissionais.....	1.139.071,78
7 — Material de Consumo.....	653.997,39
8 — Locação de Imóveis/Taxas de Condomínios.....	423.750,20
9 — Correio.....	541.226,40
10 — Serviços Gráficos/Editais.....	1.638.266,08
11 — Serviços Diversos e Encargos.....	714.760,80
12 — Equipamentos e Material Permanente.....	587.643,92
TOTAL DAS DESPESAS.....	19.469.454,05

Esclarecimentos

O item 1 engloba as despesas com os empregados do Conselho: — ordenados, abonos de férias, 13º salário, Iapas, FGTS, Vale-Refeição, Vale-Transporte e Unimed; os jeton dos conselheiros — pagos conforme sua participação nas Reuniões Plenárias, estão somados no item 2; o item 3 corresponde a 1/3 da receita do CRP-04 com anuidades e inscrições novas.

O item 4 (Diárias), engloba valores pagos a conselheiros e funcionários em viagens de serviço, quer dentro da 4ª Região (MG/ES), quer fora dela, em reuniões, encontros, ou quaisquer atividades de que o Conselho participe como, por exemplo, o nosso Programa de Interiorização, desenvolvido através de reuniões com profissionais e estudantes em cidades-pólos, como Vitória, no Espírito Santo, ou Juiz de Fora, Uberlândia, Uberaba, Divinópolis, e outras, em Minas Gerais.

As despesas de conselheiros e funcionários, a serviço do Conselho, com passagens intermunicipais e interestaduais, são cobertos pelo CRP-04 e estão somadas no item 5. No item 6, são lançados pagamentos efetuados a empresas que nos prestam serviços de processamento de dados, de locação de mão-de-obra para os Escritórios Setoriais localizados em Vitória e em Juiz de Fora, bem como prestações de serviços técnicos contratados de terceiros (exemplo: a elaboração do Regimento Interno do CRP-04, entregue a um advogado especialista).

Em "Material de Consumo" — item 7, agrupamos as despesas com materiais de expediente — papéis, envelopes, canetas, cópias, guia de pagamento da anuidade. Materiais de limpeza e higiene; gastos com café, açúcar, lanches para reuniões; lâmpadas e materiais elétricos diversos, também estão ali contabilizados.

O aluguel da sala onde está instalado o Escritório Setorial do CRP-04 no Espírito Santo, e o da Sala de Reuniões da nossa Sede, e todos os gastos com condomínio, estão no item 8.

A confecção de cartazes, gastos com a edição do Jornal do Psicólogo e a publicação de editais em jornais, no item 10.

O item 11 reúne os gastos com: — assinaturas e jornais (Estado de Minas e Folha de São Paulo), revistas (AMAE Educando e Imprensa), e o Boletim IOB; telefone e energia elétrica; a manutenção das salas e equipamentos (serviços de bombeiro, por exemplo); hospedagens daqueles que vêm participar, como conferencistas e assemelhados, de eventos promovidos pelo Conselho, e, finalizando, a plastificação das cartelas por nós emitidas.

O valor consignado no item 12 refere-se à compra de máquinas de datilografia novas para o Conselho, e um gravador utilizado em entrevistas e gravações das promoções do CRP-04.



Entrevista

Caos na Saúde O Estado responde

O Conselho Regional de Psicologia, a despeito das profundas divergências com as atitudes do secretário de Estado da Saúde de Minas Gerais, Dr. Edgardo José de Campos Melo, publica nesta edição trechos da entrevista concedida por ele à reportagem do Jornal do Psicólogo, no dia 20 de outubro.

O CRP-04 se posiciona a respeito no Editorial "Não Concordamos", em destaque na página 5.

JP — A que o senhor atribui a atual crise do setor de saúde no Estado?

ECM — Apesar dos salários dos funcionários da rede hospitalar serem baixos, ainda são superiores aos de outros estados e em relação à Rede Privada. Então, por que os trabalhadores da rede privada não estão em greve, por que todas as outras secretarias de Estado não estão em greve? No ano passado, o Governador deu um aumento para o funcionalismo de 375%. Na saúde, nós demos 850%. Foi o aumento mínimo dado à saúde. Por que nós tivemos recursos extra-Tesouro do Estado — que foram os recursos do SUDS. Esse ano nós estamos dando um aumento muito próximo à inflação. Eles ganharam um dissídio que decidiu que se fizesse um levantamento das URP's de janeiro de 87 a janeiro de 88. Foram 440% de aumento salarial. Nós demos 850%. Se formos levar ao pé da letra, eles têm que devolver. **JP — Se os salários estão baixos e não há condições de aumento, por que houve contratação de funcionários?**

ECM — Eu tenho liberdade na Secretaria para demitir funcionários, quando estão em excesso. Não é função do Estado o empreguismo. Mas, todas as contratações dependem de autorização expressa do Governador, que só as autoriza em casos de substituição, como morte, aposentadoria ou pedidos de demissão. O rigor na contratação de pessoal é muito grande. Nós tivemos em torno de 1800 demissões e 800 contratações durante este período. Diminuí a folha de pagamento em mais de mil pessoas.

JP — Existe possibilidade de negociações com os grevistas?

ECM — Eu recebi, durante duas horas e meia, as lideranças do funcionalismo da área de saúde, inclusive com a presença de Roberto Carvalho, da Coordenação Sindical. Eles expuseram três pautas para discussão. Uma seria o aumento salarial. Eu expliquei a eles que com os recursos do SUDS não seria possível e que o aumento seria dado de acordo com o que foi determinado pelo governo do Estado. Outra reivindicação é que se pagasse aos funcionários, que normalmente são pagos até dia 10. Por determinação do Governador, nós suspendemos este mês o pagamento daqueles que não estão trabalhando. Vão receber e têm recebido aqueles que trabalham, de acordo com informações das chefias. Eles queriam o pagamento, mesmo continuando em greve. Eu falei que não era possível. Não tinha acordo nisso. Outra coisa seria a readmissão dos demitidos. O que acontece é o seguinte, durante dezoito meses que eu fiquei aqui na Secretaria de Estado da Saúde, eu não demiti nenhuma

pessoa. Nenhuma demissão na área da saúde. E só a área da saúde faz greve, apesar do aumento diferenciado. Nós estamos vendo que existem posições radicais e políticas ideológicas dentro do movimento. Ai nós tomamos medidas mais fortes, no sentido de fazer a máquina andar, porque o povo paga pela assistência médica e está sendo mal atendido. A partir disso, fizemos essa medida de que aqueles que não estão trabalhando e que fazem frente do movimento e que fazem piquetes na frente dos hospitais, usam uma forma anti-democrática, porque do mesmo modo que todo mundo tem direito, pela Constituição Brasileira, de fazer greve, também tem direito de trabalhar quem quiser.

JP — Então não há possibilidade de acordo?

ECM — Por enquanto, não. Não posso dar aumento. Só pago quem estiver trabalhando e aqueles que estão demitidos não serão readmitidos. Essa decisão é irreversível.

JP — E com relação aos hospitais psiquiátricos, o senhor está pensando em privatização neste setor?

ECM — Definitivamente. Isto faz parte das denúncias desses grupos insatisfeitos com... que visam apenas ao poder. Eu acho que todo mundo deve lutar pela conquista de poder, mas desde que não ponha problemas político-partidários a seu próprio serviço. Cada um vai exercer sua atividade política dentro do partido político e não dentro das associações de classe e dos hospitais.

JP — O senhor está afirmando que este movimento tem fins eleitorais e não leva em consideração a reivindicação da entidade que representa a categoria?

ECM — Isso está bem claro. A partir do momento em que os representantes dos funcionários públicos — Roberto Carvalho, presidente da Coordenação Sindical e Eni Carajás, da Asfhemg — apresentam-se como candidatos a vereador, dá para suspeitar de por que eles exercem uma liderança e um cargo. Eles têm que renunciar àqueles cargos para se candidatar. Se eu quisesse me candidatar a vereador ia ter um prazo para não usar daquele cargo para ter ganhos políticos. Eles não. Simplesmente continuam exercendo a liderança sindical e disputam cargos políticos. Então, o que acontece? Eles querem ficar em evidência, com o nome nos jornais, ficar à frente da movimentação para angariar votos.

JP — E no caso dos psicólogos?

ECM — Dos psicólogos eu desconheço qualquer vinculação político-partidária dos Sindicatos.

JP — De acordo com a imprensa, o senhor teria dito que representantes das

entidades são um bando de vadios, entre eles, o Conselho Regional de Psicologia. O que há de verdade nisso?

ECM — Não declarei isso. Recentemente vi pelos jornais, principalmente no Estado de Minas, que é um jornal que mostra não ter nenhum compromisso com os leitores e com a verdade. Devido à briga com o Governo do Estado, eles não procedem no sentido de combater com editoriais, com sua linha política, como fazem os grandes jornais, que às vezes fazem oposição ferrenha, mas não ao ponto de chegar a querer a desmoralização, a injúria e a difamação.

JP — Voltando à questão dos doentes mentais no Estado. O senhor nega a intenção de privatização do setor?

ECM — Não existe problema nenhum de estatização.

JP — Privatização.

ECM — É, privatização. Eu sou e sempre fui um defensor intransigente da livre iniciativa, da economia de mercado. Eu não sou nenhum radical a ponto de querer a estatização de tudo. O grupo de esquerda explícita é que é a favor da estatização. Eu não sou a favor da estatização. É exatamente obrigação do Estado agir onde não interessa à iniciativa privada. A política de saúde da Secretaria é a de que não se asila mais ninguém na psiquiatria. A partir do momento em que, em dezoito meses que eu assumi esta secretaria, nunca mais foi internado um paciente. Aqueles que são internados para ficar o resto da vida. Nunca mais. Pelo contrário, as 800 pessoas internadas em Barbacena, no hospital da Fhemig, ficarão lá enquanto vida tiverem, porque não têm laços familiares, e há 60 anos estão lá. Estes pacientes serão mantidos, já que não têm para onde ir. Eles não estão presos também não. Circulam por Barbacena, pois as portas dos hospitais são abertas.

JP — Como é que o sr. permitiu que 84 pacientes do Raul Soares fossem levados para Barbacena sem que os funcionários fossem avisados, ou os médicos ao menos consultados?

ECM — Para transferência de pacientes, não se ouve funcionários. Fica bem claro que em qualquer lugar do mundo não se dá satisfação a funcionário, para transferência de ninguém.

JP — E quanto aos médicos?

ECM — Em qualquer regulamento ou

regimento interno de um hospital, o diretor clínico tem toda liberdade de internar, transferir ou dar alta a qualquer paciente. Isto é bem claro. Normalmente o diretor evita passar por cima do médico. Mas não num momento como o que nós chegamos, um estado de emergência, como estava acontecendo — quando pacientes estavam num hospital que estava mantendo a escala mínima, que estava deixando o paciente totalmente desassistido, com um enfermeiro olhando 80 pacientes.

JP — Os médicos garantiram que os pacientes estavam sendo assistidos, e nem ao menos foram consultados a respeito.

ECM — Isso faz parte da campanha de difamação. Ficaram então dois lados da moeda. Se amanhã um paciente psiquiátrico matasse o outro, ou se agredisse um médico ou enfermeiro, ia ser denunciado por toda a imprensa do Brasil talvez do mundo, que o Estado não estava se responsabilizando nem com os próprios doentes que estavam sob sua guarda.

JP — O Secretário está personalizando a crise no setor de saúde quando algumas determinações são do governador. Por quê?

ECM — A partir do momento em que eu exerço a chefia do sistema de saúde, eu sou o secretário, e procuro poupar o governador de qualquer problema. Mas a política de saúde é dada pelo governador. Mas eu exerço na plenitude o cargo de secretário. Não delego função para ninguém. Eu delego assim, para as superintendências, dentro do que está estipulado, dentro do organograma da Secretaria.

JP — A opinião pública está contra o secretário de Estado da Saúde, agora em época de eleição. Isto não compromete seu cargo de alguma forma?

ECM — Meu cargo não. Meu cargo é exatamente um cargo de confiança. Meu cargo é exatamente do governador Newton Cardoso. O governador é quem nomeia ou que demite o secretário e até o momento eu tenho plena concordância com o governador. Nós estamos agindo em uníssono na execução da política de saúde do estado.

JP — Vai ter pessoal para substituir demitidos?

ECM — O que nós temos de lista de espera é muito superior ao número de demitidos.





Ópera dos Loucos

O sistema de saúde pública de Minas vive hoje uma situação caótica: péssimas condições de trabalho e baixos salários — defasagem de 30% desde o início do governo, além de diferenças salariais para profissionais de mesmo nível técnico. Os reflexos desta situação de crise se fazem sentir de forma aguda também na assistência à saúde mental.

Para reverter este quadro e garantir melhoria do atendimento, foi deflagrada, no final de setembro, a greve do funcionalismo público. No setor de saúde, são 34 mil funcionários, distribuídos nas delegacias regionais de saúde, nos centros e postos, nas 26 unidades hospitalares da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig) e nos três hospitais incorporados ao Inamps. São cerca de 16 mil funcionários nos centros e postos, 6 mil e 500 na Fhemig, 5 mil e 700 no Ipsemg, e outros 6 mil na Funed, emprestado a outros órgãos e Secretarias.

Os seiscentos servidores do Raul Soares, entre celetistas e estatutários, aderiram imediatamente à greve, deflagrada no dia 22 de setembro. A resposta do governo chegou no mesmo dia, quando 84 pacientes foram retirados do hospital psiquiátrico sob forte escolta policial e despejados em clínicas particulares em Barbacena.

Isso aconteceu sem que os pacientes fossem preparados para a remoção, profissionais fossem consultados e nem mesmo as famílias dos internados, comunicadas. Esta atitude — violenta e arbitrária — foi justificada como a única maneira de garantir atendimento aos pacientes, já que os funcionários aderiram à greve.

Tal atitude teve como objetivo reprimir os grevistas do Raul Soares, que se revezavam em plantões para assegurar o atendimento. O que foi considerado pelos profissionais de saúde como seqüestro dos pacientes, o governo chamou de greve em prol da segurança dos doentes internados. Segurança, no mínimo, questionável, pois passado mais de um mês de remoção, os pacientes ainda não se adaptaram às clínicas para onde foram levados. Tanto, que um dos transferidos morreu há três dias após chegar ao sanatório de Barbacena.

A represália aos grevistas e o propósito de transferir para o setor privado o atendimento ao doente mental não cessaram com o incidente do Raul Soares. No dia 11 de outubro, todos os celetistas do Galba Veloso, Raul Soares, Pronto Socorro e do Centro Psico-Pedagógico foram demitidos.

A legalidade das dispensas dos funcionários da Fhemig pode ser questionada sob três aspectos: em dissídio coletivo, todos os funcionários tiveram garantida a estabilidade no emprego até 23 de janeiro de 1989; todos os servidores públicos demitidos em função de greves, a partir de 1979, podem estar protegidos pela atual Constituição, que determina,

ainda, a estabilidade a todo o servidor público com mais de cinco anos de trabalho.

Além disso, há um outro fator que assegura as vagas aos profissionais demitidos: de acordo com o Código de Ética dos três Conselhos que reúnem os servidores dos hospitais — Psicologia, Farmácia e Medicina — os profissionais que aceitarem substituir os demitidos podem vir a ser cassados em seus direitos de exercer a profissão.

Privatização da Saúde Pública

Se as demissões dos servidores esbarram em aspectos legais, a privatização da assistência ao doente mental encontra maiores barreiras. É inviável não só sob o ponto de vista financeiro, mas também considerando as questões políticas e sociais inseridas neste processo.

A assistência psiquiátrica do setor privado — no qual pressupõe-se lucro — é baseada na exclusão social, internações compulsórias, abuso de psicotrópicos, eletrochoques e número excessivo de pacientes por profissionais. Nete tipo de atendimento, por vezes o doente mental é marginalizado, pois é tido como irreversível e perigoso. E, portanto, é isolado do convívio social. Forma-se, então, um elo entre a psiquiatria manicomial e lucrativa, estrutura que tem sido fortemente combatida por profissionais da saúde mental.

O combate à estrutura manicomial excludente e repressiva e o movimento em favor de um atendimento socializado teve início em Minas a partir de 1979. Neste ano, houve o 3º Congresso Mineiro de Psicologia, que contou com a participação do psiquiatra Franco Basaglia, responsável pela revolução no tratamento do doente mental na Itália.

Esse foi o primeiro passo para mudanças no setor. Possibilitou a criação do Projeto de Reestruturação da Assistência Psiquiátrica Pública, em 1980, com a participação de um grupo de profissionais da saúde mental.

A partir daí, as tradicionais estruturas manicomiais começaram a ser substituídas por métodos de tratamento mais humano: descentralização do atendimento; integração ao meio social; redução no número de internações, restringindo-as aos casos agudos; limitação no número de medicamentos e a canalização da assistência em ambulatórios e hospitais gerais.

O processo de democratização da assistência ao doente mental parecia seguir seu curso, apesar das dificuldades. Parecia. Mas no ano passado, houve um retrocesso, quando profissionais empenhados em dar prosseguimento a novo modelo de atendimento, foram tirados de seus cargos. A justificativa para tais demissões é a menos social possível: divergências partidárias. Isto espelha a política de saúde do Estado.



Não Concordamos

As imagens não mentem. Os depoimentos profissionais cotidianos, bem como as denúncias sistemáticas das entidades de classe, mesmo se relativizadas, não são discursos delirantes. A crise da saúde em Minas Gerais e o caos que se instala neste setor devem ter, necessariamente, fundamentos mais sérios do que os simples interesses políticos de algumas lideranças dos movimentos dos trabalhadores de saúde.

Afinal, é demais imaginar que, nos tempos de hoje, milhares de pessoas se prestariam a ser meros "bois de piranha" dessas lideranças. O arrocho salarial do funcionalismo público como um todo, o não pagamento das URP's no ano passado e o tratamento autoritário do governo mineiro aos movimentos reivindicativos são de conhecimento geral.

A não priorização dos programas sociais e o privilegiamento dos interesses de grupos empresariais são a base a um projeto nitidamente privatista, hoje em curso neste estado.

Que a grave situação da Saúde Pública mineira e brasileira tenha antecedentes históricos, é fato notório. Entretanto, a ausência de diálogo e a falta de transparência administrativa e política dos projetos técnicos da saúde em Minas Gerais nunca se apresenta-

ram como nos dias de hoje. Nem dos tempos de sóbria ditadura.

Ideologicamente lutam na cena da saúde brasileira, hoje, interesses diversos. Maneiras de formular os projetos de assistência à saúde pública diferentes. A Constituinte mostrou isso.

Querer solucionar as divergências ideológicas através da repressão, das demissões autoritárias é incompatível com o atual momento de esforço democratizante que o país vive.

Os investimentos, quando existem, são insuficientes em relação ao débito social do Estado para com a saúde da população. E devem estar assentados em fundamentos técnicos de um planejamento sistematizado e não ao sabor de interesses clientelísticos e eleitoreiros que os tornam inócuos e desperdiçados, mais criminosos do que o não investimento.

As intenções, se outras, são contestadas pelos métodos que desautorizam qualquer discurso oficial. A inaceitável cena de transferência dos pacientes do Raul Soares fere fundo a nossa consciência de profissionais psicólogos e é mais eloquente do que qualquer discurso e projetos enumerados.

Mantemos o nosso posicionamento publicado na imprensa de irrestrito apoio aos psicólogos em greve no Estado, bem como as nossas exigências democráticas de diálogo e abertura de negociações com os grevistas.



Agenda

Work-Shop — Terapia familiar — da psicanálise à teoria sistêmica. Data: 3 de dezembro

Horário: de 09:00 às 18:00 horas
Programação: Apresentação do filme "Trama Familiar"; debate sobre o filme e exercício psicodramático — "O Drama da Família e do Adolescente: Simbiose ou individualização"

Ministrado por: Moisés Groisman, psiquiatra e psicanalista, co-fundador do Departamento de Adolescentes do Instituto de Psiquiatria da UFRJ
Inscrições: até 15 de novembro — 4 OTNs

até 30 de novembro — 6 OTNs
Informações: Psicocentro — Psicologia e Pedagogia — R. Conde de Linhares, 837 — Belo Horizonte. Tels.: (031) 337.0286 e 335.1574.

Mestrado em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social e da Personalidade
Linhas de pesquisa: Determinantes sociais; ansiedade, conflito e tensão; e processos sócio-cognitivos.
Créditos: mínimo 30 (incluída a dissertação)

Duração: no mínimo quatro e no máximo oito semestres
Inscrições: 01 de agosto a 14 de novembro

Seleção: 16 de novembro a 15 de dezembro
Vagas: Dez alunos

Orientação de matrículas: 02 a 15 de janeiro
Matrículas: março, segundo calendário da PUC-RS

Início das aulas: março
Informações: Coordenação do Curso de Mestrado em Psicologia. Campus Universitário — Av. Piranga, 6681/prédio 17 — Bairro Partenon — Porto Alegre, RS. CEP. 90620. Tel.: (0512) 36.9400, ramal 215

Palestra

Tema: "O futuro da criança com distúrbios do desenvolvimento"

Data: 18 e 19 de novembro
Local: Auditório do Hospital do Servidor Público Estadual — São Paulo
Expositor: Prof. Dr. Lawrence A. Larsen (The Johns Hopkins University, Baltimore, USA)

Promoção: Memmon — Profissionais de Assessoria
Coordenação: Celma Cenamo
Programa e Informações: (011) 37.6524 e 35.9401.

Seminário "Drogas na empresa: mito ou realidade?"

Data: 25 de novembro
Local: Auditório do Senac — Rua Dr. Vila Nova, 228, térreo — São Paulo
Temas: "Drogas, homem e sociedade"; "O mito das drogas e seus efeitos";

"Como identificar, lidar e medicar o funcionário intoxicado por drogas"; "Enfoque multiprofissional na atenção às drogas" e "Vila Brandina — Uma experiência de recuperação dos dependentes".

Taxa: Até 17 de novembro — 19 OTNs
Após esta data — 25 OTNs

Informações, reservas e inscrições: Prodemp — Programa de desenvolvimento empresarial. Rua Dr. Vila Nova, 228 — 1º andar, São Paulo. Tel.: (011) 255.0066 — Telex: (011) 25732.

Curso de Psicologia Evolutiva

Programa: Infância, latência e adolescência (estados normais e patológicos)
Duração: Um ano
Preço 5 OTNs
A quem se destina: profissionais e estudantes de Psicologia e Medicina (a partir do 8º período)
Informações e inscrições: Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama — tel.: 227.4174.

Curso Teorias e técnicas empresariais
Abordagem: Recrutamento, Seleção e Acompanhamento

Coordenação: Cláudia Isabel F. D. Ribeiro (psicóloga clínica e empresarial/CRP-04-4752)

Duração: Um ano (uma aula semanal de 90 minutos)

Objetivos: Desenvolver conhecimentos mais abrangentes para um adequado processo de recrutamento, seleção e acompanhamento; promover condições para uma compreensão dinâmica dos testes, principalmente dos testes projetivos e integrar todos os procedimentos para um maior entendimento da estrutura empresarial.

Contato: 342.1059 ou 335.3988 (com Marisa)

III Simpósio de Deficiência Auditiva
Data: 25 e 26 de novembro
Local: Auditório do Instituto São Rafael — Av. Augusto de Lima, 2109 — Barro Preto — Belo Horizonte, MG

Temas: "O trabalho dos surdos na digitação da Prodemp/BH/MG"; "Novas alternativas para educação dos surdos"; "Comunicação total na 1ª infância"; "Experiência como professora e professora na instituição de surdos"; "O problema da comunicação do surdo"; "Preconceito e discriminação"; "Educação precoce do deficiente auditivo"; "o que é intérprete em língua de sinais" e "Música em língua

Encontro de Clínicas com a LBA

O trabalho técnico-teórico e as questões institucionais das clínicas especializadas conveniadas com a LBA foram discutidas por cerca de 225 pessoas — grande parte delas vindas do interior — que participaram, no último dia 30 de setembro, do "I ENCONTRO MINEIRO DE PROFISSIONAIS DE CLÍNICAS ESPECIALIZADAS CONVENIADAS COM A LBA". Além de psicólogos e psicanalistas, estiveram presentes diversos profissionais das áreas de Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Educação Física, Serviço Social, entre outras.

Os debates e conferências contaram com a participação de Conselhos, Sindicatos e Associações dos profissionais envolvidos e representantes da

de sinais".

Objetivos: reunir pais, professores, intérpretes, médicos, psicólogos e demais profissionais; conscientizar as pessoas em geral sobre os direitos e interesses dos Surdos; e ampliar o estudo e a pesquisa na área de surdez.

Promoção: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos — Feneis

Realização: Associação dos surdos de Minas Gerais

Informações: ASMG — Caixa Postal 1939 — CEP 30160, Belo Horizonte, MG (031) 225.0567

Encontro Estadual de Psicólogos — RS

"A Instituição Psicologia: O Real e o Possível

Temas: Identidade: o ser psicológico; reprodução e criação: o que se aprende e o que se ensina; profissão psicólogo: ações e condições de trabalho; e a inserção do psicólogo nas organizações sociais.

Data: 8, 9 e 10 de dezembro de 1988
Local: IPA — Rua Joaquim Pedro Salgado, 80 — Porto Alegre

Promoção: Sindicato dos Psicólogos no Estado do Rio Grande do Sul
Informações/Inscrições: SIPERGS — Rua Professor Annes Dias, 154 — conjunto 1202 — Fone (0512) 26.3046 — Porto Alegre, RS

2º Encontro Latino-Americano

Relação Ser Humano — Ambiente
Data: 2 a 5 de dezembro de 1988
Local: Fumec — Rua Cobre, 200. Belo Horizonte, MG

Promoção: Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente — AMDA; ASMER — Association for the Study of Man Environment Relations e Universidade Nacional de Tucumán — Argentina.

Nota

O conselheiro Marcus Vinícius de Oliveira Silva e a psicóloga Marília Pires Fernandes são os novos representantes do Conselho Regional de Psicologia — 4ª Região, no CFP. A escolha destes representantes aconteceu no dia 25 de outubro, em Assembléia Geral

Federação Brasileira dos Excepcionais — Febiex —, na discussão das questões institucionais.

Além disso, em assembléia realizada durante o evento, foi constituída uma comissão inter-sindical formada por funcionários dessas clínicas, com o objetivo de lutar pela melhoria das condições de trabalho, garantir as conquistas já obtidas e promover a aproximação entre os profissionais.

Os interessados em participar da comissão devem procurar o Sindicato dos Psicólogos ou o Conselho Regional de Psicologia — 4ª Região. Dentre as entidades que apoiaram a realização do encontro, está o CRP, que desde a fase de preparação esteve envolvido nos trabalhos.

Ordinária, para a qual foram convocados todos os psicólogos inscritos no CRP-04.

Livros

"As eríneas de uma mãe" — Ensaio sobre o ódio, de Conrad Stein. Tradução de Nelson da Silva Jr., prefácio de Renato Mezan, São Paulo. Escuta, 1988, 87 páginas.

Trata-se de uma reunião de conferências, onde Stein aborda o ódio que cada indivíduo dedica a si mesmo, e que constitui um dos fatores que sustentam a resistência contra a psicanálise.

Este é o segundo livro de Conrad Stein a ser editado em português. É autor de L'enfant imaginaire e O psicanalista e seu ofício, fundador da revista Études freudiennes e dirige desde 1961 um seminário na sociedade Psicanalítica de Paris.

"Dicionário crítico de análise junguiana", de Andrew Samuels, Bani Shorter e Fred Plaut. Tradução: Paulo Rates. Editora Imago, 236 páginas.

O dicionário mostra como diversos pontos de vista de Jung foram adaptados, retificados ou rejeitados, desde sua morte, em 1961. Como toda disciplina, a psicologia analítica produz sua própria terminologia. O objetivo do dicionário é explicar os significados ligados ao jargão, infundindo vida na terminologia abstrata. O dicionário inclui: termos e idéias introduzidos e desenvolvidos por Jung; termos e idéias de uso geral, mas aplicados por Jung de modo particular: palavras comuns usadas por Jung de maneira específica; termos de importância introduzidos por outros psicólogos analíticos e termos psicanalíticos que foram adaptados ou ampliados por Jung.

"Análise do self", de Heinz Kohut. Tradução: Maria Tereza B. M. Godoy. Editora Imago, 270 páginas.

Este livro define a natureza intrínseca de uma falha no senso de continuidade e coesão interna do indivíduo, que o autor chama de "distúrbio narcisista da personalidade". O autor mostra que uma importante fase do desenvolvimento da personalidade e também, que a compreensão deste estado abre as portas para um tratamento bem-sucedido. O autor ilustra o trabalho com relato de vários casos clínicos e as conclusões tiradas a partir deste material.

"Impasse e interpretação", de Herbert Rosenfeld. Tradução de Paula Maria Rosas. Imago Editora, 348 páginas.

Após descrever tipos de fatores que são terapêuticos ou anti-terapêuticos no tratamento psicanalítico, o autor expõe suas idéias a respeito da técnica e da teoria, examinado o quanto é essencial uma compreensão do narcisismo e da identificação projetiva, caso se de-seje evitar que o tratamento chegue a um impasse. Seus argumentos são ilustrados com relatos pormenorizados e sinceros de tratamentos em que ele esteve envolvido.

Ecologia

SOS Mata Atlântica
Quando o meio ambiente pede socorro

Nos últimos meses, a devastação das matas e florestas brasileiras deixou de preocupar apenas aos ecologistas do país e foi motivo de protestos em vários lugares do mundo. Os incêndios que destruíram a Mata das Emas, em Goiás, o Parque de Itatiaia, no Rio de Janeiro e quilômetros de florestas em Rondônia foram capa da revista norte-americana Time. Enquanto isso, permanece a exploração predatória dos remanescentes da Mata Atlântica, sem que o governo tome medidas de proteção. A destruição caminha a passos largos, apesar da nova Constituição prever severas punições aos chamados crimes ecológicos.

A devastação da Mata Atlântica tem caminhado a passos largos e de forma nada discreta. Tanto, que observadores atentos — e nada passivos — perceberam esta destruição e correram para retardá-la ou, na melhor das hipóteses, contê-la.

Para evitar o total aniquilamento da Mata Atlântica, seria necessário que toda a sociedade se conscientizasse do problema, ao mesmo tempo em que medidas contrárias à ação exploratória e devastadora fossem colocadas em prática. Isto só seria possível através de um trabalho contínuo junto às autoridades, entidades e empresas, alicerçado por uma forte estrutura.

Pelo menos foi nisso que quinze profissionais acreditaram. Resultado: uma fundação que, apesar de ter sido idealizada há dez anos e implantada há apenas dois, já dá mostras de que eles estavam certos. Trata-se da Fundação SOS Mata Atlântica. Em pouco tempo em atividade, tem feito mais do que barulho. Captou recursos da iniciativa privada através da Lei Sarney, tem desenvolvido um centro de pesquisas, além de realizar uma atividade um tanto quanto insólita dentro dos padrões brasileiros: através de um barco-patrolha — único do país —, a Fundação fiscaliza as águas do litoral sul paulista para impedir as atividades dos praticantes da pesca predatória.

Mas tudo isso só foi possível graças ao seu esquema de funcionamento. Cerca de vinte profissionais, entre advogados, engenheiros florestais, biólogos, entre outros, são contratados pela Fundação. Isto, segundo o seu presidente, Rodrigo Mesquita, assegura maior resultado nas ações, pois, ao contrário do que acontece nas outras entidades ambientalistas, eles recebem para se dedicarem às atividades da SOS Mata Atlântica, acelerando todo o processo.

A Fundação conta com a participação financeira de empresas privadas e

multinacionais. Além disso, tem um departamento comercial que produz camisetas, *buttons*, posters e bonés; e gerencia suas vendas para obter mais recursos. Outra forma de sustentação são as contribuições dos 2.200 associados, que variam de 1 a 100 OTN's por ano. Tudo isso, somado às doações espontâneas.

A principal característica da SOS Mata Atlântica é, como define o próprio Rodrigo Mesquita, uma estrutura sem romantismo. A entidade tem como estratégia criar e utilizar canais com outras entidades e diversos órgãos, com a finalidade de alocar recursos para viabilizar projetos.

A questão ecológica é trabalhada pela Fundação de forma política. O que não quer dizer que seja partidário. Ao contrário, sua atuação é desvinculada de qualquer partido, embora haja semelhanças ideológicas com alguns deles.

Destruição Irreversível

Existem motivos de sobra para que toda esta estrutura fosse montada em prol da Mata Atlântica. De acordo com Rodrigo Mesquita, esta vegetação, que é uma das mais ricas do país, não sobrevive mais do que quinze anos. O processo de devastação já atingiu quase a totalidade de sua extensão.

O litoral brasileiro era quase totalmente ocupado pela Mata Atlântica, que se estende do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. Hoje, a situação se modificou consideravelmente: a Mata Atlântica sobrevive apenas em pequenas áreas dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo — especialmente no litoral sul — e em pequenas regiões no sul da Bahia.

Nos estados do nordeste, a Mata Atlântica já está parcialmente extinta. Nesta região, esta vegetação é que deu nome à Zona da Mata nordestina.

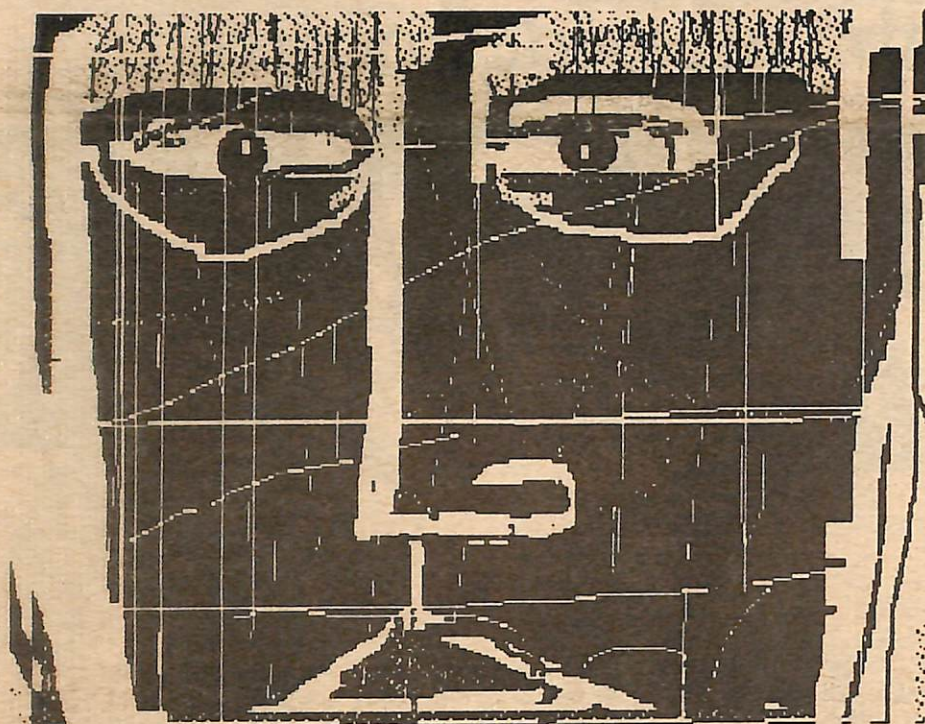


Aliás, esta área pode até ser rebatizada, pois a mata atlântica foi muito reduzida devido à exploração. A devastação começou com a extração do pau-brasil e continuou com o passar dos anos, com as lavouras de cana-de-açúcar. Esta produção cresceu e se desenvolveu muito bem no solo fértil e úmido.

A região sul do país também não foi poupada pela devastação. Isto, apesar do grande volume de chuvas que caem nesta área favorecer o desenvolvimento da floresta tropical. Nem mesmo o santo ajuda quando tem que enfrentar fortes interesses comerciais. Nesta região, a floresta tem árvores de 20 a 30 metros de altura, entre figueiras, perobas, paus-d'alho, cedros, jacarandás e outras árvores de grande valor comercial. A devastação destas matas também começou com a procura do pau-brasil, mas continuou com outras árvores que rendem bons frutos para aqueles que investem na exploração. Tanto, que algumas áreas estão inteiramente desmatadas. Ao invés de serem reflorestadas, são transformadas em loteamentos.

O hábito exploratório, herdado dos portugueses que colonizaram o país, não é a única causa da destruição do meio ambiente. Pelo menos é esta a opinião de Rodrigo Mesquita. Ele argumenta que nas décadas de 20 a 30, o crescimento do país aconteceu de forma mais branda, com a população ainda concentrada na área rural. Mas a partir da década de 50, quando só existia a rodovia Dutra, a vegetação do Brasil, especialmente a Mata Atlântica, foi invadida pelo entusiasmado projeto de desenvolvimento que tomou conta do país. Nesta época, os esforços se voltavam para construção de estradas.

Apesar de Rodrigo Mesquita considerar o processo de destruição irreversível — apenas passível de desaceleração — ele pondera que o nível de conscientização brasileira quanto às questões ambientais tem crescido, especialmente junto aos jovens. Já não é mais possível fazer vista grossa às constantes agressões ao meio ambiente. A prova disso, talvez seja o espaço que esta questão recebeu na nova Constituição brasileira.



Psicólogo junto à cardíacos: Um saldo positivo

O coração é o órgão do ser humano mais carregado de simbologia. É figurado como o núcleo das emoções e representa, simbolicamente, o centro de vida e de morte, adquirido o poder de transformar o comportamento das pessoas. Por causa das fantasias criadas pelo mito do coração e pelas alterações causadas pela própria doença, é que se torna necessário maior conscientização daqueles que se apresentam com problemas cardíacos.

Os cardíacos apresentam, normalmente, insegurança frente ao risco de vida. Assim que tomam conhecimento de alguma disfunção no coração, fazem um balanço de suas vivências. A consequência, é a instabilidade emocional. Além dis-

so, frente à possibilidade de morte, eles se sentem injustiçados, necessitando culpar alguém ou alguma coisa por sua situação.

Por estes e outros motivos, o papel do psicólogo junto ao cardíaco é fundamental para a aceitação da doença, bem como para conscientizá-lo de que sua participação e colaboração no tratamento é essencial para sua recuperação.

Um paciente ansioso ou com grande nível de tensão, pode criar um círculo vicioso. Isto, porque a ansiedade e a tensão aumentam o colesterol, as arritmias, a pressão arterial, o que acaba prejudicando a evolução do caso. Conseqüentemente, aumenta a tensão, a ansiedade...

O cardiologista Antônio Afonso Moraes Moretzsohn, um dos diretores do Hospital Socor, em Belo Horizonte, recomenda a atuação do psicólogo junto a pacientes cardíacos, principalmente cirúrgicos. O Socor atende a cinquenta pacientes, em média. Em breve, será ampliado, passando a fazer 180 internações cirúrgicas, o que significa a contratação de um psicólogo. "Sempre consideramos importante a intervenção psicológica. Mas no caso de cirurgias, é fundamental", afirma Moretzsohn.

Em São Paulo, a psicóloga Maria de Fátima Praça Oliveira trabalha há oito anos junto a pacientes cardíacos. Ela integra a equipe do cardiologista Sérgio Almeida de Oliveira, que atende, em média, 90 a 100 pacientes cirúrgicos, internados no Hospital da Beneficência Portuguesa — um dos mais conceituados da América Latina.

O trabalho consiste em preparar os pacientes de forma individual ou em grupo, nos períodos de pré, per e pós-operatório. Não existe técnica específica, apesar de ser utilizada a terapia breve ou focal devido ao curto espaço de tempo. Mas o que conta mesmo é o bom senso do profissional diante do comportamento de cada internado.

De acordo com Maria de Fátima, os resultados de seu trabalho são perceptíveis. Os pacientes, ao terem conhecimento de sua doença e ao desmistificarem o problema do coração, tornam-se mais participativos acelerando o processo de recuperação.

Mas o trabalho da psicóloga não se restringe ao paciente. A família também recebe orientação, através de um trabalho paralelo. A situação é esclarecida, bem como a melhor forma de enfrentá-la e de tratar o paciente.

Para que o trabalho de um profissional de Psicologia aconteça de forma satisfatória, é necessário um

bom relacionamento da equipe que assiste ao internado. O trabalho interdisciplinar, baseado na troca de informações entre os profissionais, é decisivo para o resultado do atendimento.

Nesta relação, os médicos e demais profissionais de saúde podem alertar ao psicólogo sobre a reação de determinado paciente. Alguns podem exigir intervenção psicológica, como em casos de excessiva agitação, depressão e sensibilidade. O psicólogo, por sua vez, pode advertir a equipe sobre os cuidados necessários com o cardíaco que apresenta dificuldades de aceitação da doença ou que não se mostra disposto a cooperar no processo do tratamento.

O trabalho interdisciplinar é fundamental para o paciente cardíaco e para os profissionais envolvidos. Mas não é só neste caso. A psicóloga Maria de Fátima Praça Oliveira lembra que também existe demanda do trabalho do profissional de psicologia em diversas áreas de saúde como por exemplo, neurologia, gastroenterologia, psiquiatria, pediatria, entre outras.

Mas para haver um trabalho interdisciplinar, a psicóloga alerta que os espaços dos profissionais devem ser bem delimitados, principalmente do psicólogo, que tem sua atuação muito questionada por outros profissionais de saúde. "Isto acontece pela falta de informação do psicólogo e dos médicos. Eles desconhecem o papel do profissional de Psicologia no contexto hospitalar, pois saem da escola ignorando a demanda que existe nesta área e também o tipo de trabalho a ser executado".

Por isso, Maria de Fátima recomenda aos psicólogos que explorem este espaço. Para isso é importante que se especializem no atendimento a pacientes, através de congressos, cursos, seminários, entre outros meios de informação. "O resultado é o saldo positivo para o paciente", conclui a psicóloga.

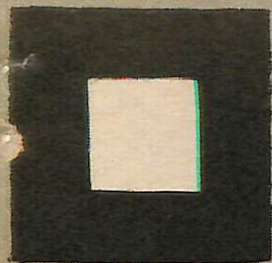
IMPRESSO

CRP-04 / 6842
MARIA DO CARMO MARTINS FONSECA
R JULIO PEREIRA DA SILVA, 298/102
CIDADE NOVA
31170 BELO HORIZONTE MG

PORTE PAGO
DR/MG
ISR-73-166/84



JORNAL DO
PSICÓLOGO



Suplemento
do Jornal
do Psicólogo
CRP-04 MG/ES

Belo Horizonte
Setembro/Outubro — 88
Ano 1 Nº 6

ESCUTA



FANTASMA



"Argumento"

Ângela Maria de Souza Batista

"Ily a deux espèces d'artistes: les uns appoentent des reponses, et les autres des questions. Il faut savoir si l'on est de ceux que réponde ou bien de ceux que interroge; car celui qui interroge n'est jamais celui qui repond. Ily a des oeuvres qui attendent, et qu'on ne comprend pas pendant long-temps; c'est qu'elles apportaient des réponses à des questions qu'on n'avait pas enco-re posées; car la question arrive sou-vent terriblement longtemp après la reponse".

(Oscar Wilde)

O termo Fantasma não tem conotações de vocabulário psicoanalítico, é um conceito que sustenta a noção do Fantasma Fundamental em Lacan; que é um postulado teórico sobre a constituição do sujeito. É necessário entretanto distinguir este conceito do das Fantasias Freudianas, as "URPHANTASIEN" ou Fantasias inconscientes: Fantasia da origem, sexualidade, e castração.

Nos propomos pensar estas diferenças; ou seja na dimensão clínica do Fantasma via sintoma e no Fantasma Fundamental construído, que não é comunicado, a não ser através da experiência de transferência na análise. Essa diferença é muito importante pois o reconhecimento do Fantasma Fundamental, modifica a clínica psicanalítica pois o analista não esgotaria sua função, reproduzindo ao nível especular o que lhe é comunicado. O Fantasma é um "Construto" a ser significado, ou seja, que o analista com sua presença possibilitará a construção do Fantasma.

A entrada na análise vem sustentada por um sintoma do qual o paciente muito se queixa; por relação ao Fantasma a situação parece ser diferente pois normalmente o paciente dele nada sabe, não se queixa, pelo contrário obtém prazer. Pode-se dizer que o paciente tem um recurso no Fantasma contra o sintoma. Há uma função de consolação no Fantasma. Aqui uma observação é necessária pois quando remetemos o Fantasma ao seu "Teatro Privado" lugar de consolo, lembramos Freud quando introduz o conceito Fantasma, aqui no sentido de Fantasia, como uma produção imaginária. Produção esta que nos primeiros momentos de seu descobrimento, do inconsciente, chamou de "Sonhos Diurnos".

É fato comum notarmos por parte dos pacientes, uma descrição do desprazer que refere aos sintomas, por outro lado, são reticentes suas falas quanto ao Fantasma. Podem passar muito tempo e nada falarem sobre ele. Por vezes se referem às suas fantasmaticizações, suas pequenas idéias, geralmente algo que lhes ocorreu durante o dia, entretanto podem esconder do analista o Fantasma a que está vinculada sua satisfação.

Freud no texto de 1908, "Escritores Criativos e Devaneios", diz que o Fantasma-Fantasia aparece como o tesouro do sujeito, sua propriedade mais íntima, o que não é o caso do sintoma. Por outro lado, o Fantasma tomado no sentido de Fantasma Fundamental, podemos dizer que o sujeito não o conhece; é uma construção da análise e um limite da mesma. Podem-se curar sintomas — fazer uma terapêutica para os sintomas e esquecer o Fantasma. Numa tentativa para distinguir estas dimensões clínicas, ou seja, Fantasma e Sintoma propomos o seguinte esquema:

1) SINTOMA: Formação Substitutiva — Interpretação. suporte para a construção do Fantasma. Área da Fantasia — Conteúdo a ser revelado — Recalque; Separação do Afeto da Representação.

2) FANTASMA: Formação Constitutiva — Experiência original Conteúdo a ser construído. Área de não Simbolização — recriada na relação transferencial.

Retornando a Freud, ainda no texto de 1908, refere-se ao Fantasma-Fantasia lembrando o prazer associado a fantasia. Nos diz que embora os adultos não brinquem como quando eram crianças, a Fantasia vem neles substituir a capacidade lúcida infantil. A diferença do Fantasma Fundamental, reside no fato deste ter uma formação não sintomática, é um resto, resíduo estático, do recalque originário, a ser construído na análise. Freud, 1908, os diz que as Fantasias subsistem à parte do resto do conteúdo das neuroses, o que nos levou a pensar no Fantasma como à parte das formações do inconscientes. Não está no inconsciente à espera de interpretação. O Fantasma FUNDAMENTAL não se interpreta, somente se interpretam os Sintomas ou a Sintomatização do Fantasma, isto porque o Fantasma Fundamental é um ponto onde o saber falta.

MUITO BEM: Vimos que o centro da questão do Fantasma requer que se opere aí, uma distinção estrutural. Assim como a teoria Freudiana distingue o recalque originário (ou primário)?, a UNVERDRANGUNG dos recalques posteriores (ou secundários), é preciso, num procedimento estrutural, separar os Fantasmas originários, as URPHANTASIEN dos Fantasmas (secundários).

UNVERDRANGUNG: URPHANTASIE
(Matriz inconsciente)

Através do Fantasma originário, aquilo que se poderia chamar de

complexo representação-afeto, se constrói, podendo também se desconstruir sob a ação dos pós-recalques e se reconstruir em outras formações.

Estabelecidas as diferenças entre Fantasmas Fundamental e Fantasias, outras questões surgem para o nosso argumento. Falamos do Fantasma Fundamental como sendo intraduzível, conceituado por Lacan. ORA, a concepção Lacaniana da concatenação (cadeia de significantes), apoia-se no conceito de inconsciente, mas leva em consideração apenas os representantes da pulsão. E o que acontece com o Afeto?

Parece importante lembrar que a Epistemologia moderna mostrou que a especificidade do objeto de conhecimento, depende das condições de recorte desse objeto no campo explorado. O recorte do fantasma Fundamental será aqui pensado, no à posteriori da experiência analítica, na possibilidade de vincular o Afeto às representações. É neste espaço que buscamos desenvolver algumas hipóteses. O universo do Afeto nos é comunicável na medida em que as representações de coisa e as de palavras formam com ele um complexo psíquico inteligível. O afeto referido ao conceito de Fantasma Fundamental, nos dá a impressão geral de um Afeto sem representação.

Reverendo FREUD, no texto "O Inconsciente", nos diz que haveria uma diferença entre Afeto Inconsciente e Representação Inconsciente. A representação inconsciente uma vez recalçada, permanece no inconsciente como uma formação, enquanto o Afeto inconsciente, apenas ali corresponde a um rudimento que não conseguiu desenvolver-se.

No início da obra de Freud, o Afeto tem uma importância vital para a compreensão da Histeria. A origem do sintoma histerico é procurada num acontecimento traumático, a que não correspondeu uma descarga adequada. (Afeto coartado). Desta consideração resulta portanto para Freud, que o Afeto não está necessariamente ligado à representação; a sua separação — Afeto sem representação garante a cada um, destinos diferentes; conversão dos Afetos, deslocamentos, e transformações. Freud então opõe, a representação ao Afeto. A idéia de dois níveis de representação; de coisa e de palavra; distancia-se do conceito de Afeto porque este não teria uma representação inconsciente. Estritamente falando, não existe Afeto inconsciente como existem representações inconscientes. O que não que dizer que não existem Afetos inconscientes, mas sim que o inconsciente não se dá do mesmo modo para o Afeto e para a representação. Toda diferença provém do fato de que as representações são investimentos fundados em traços-mnêmicos, enquanto os Afetos e sentimentos, correspondem a processos de descargas cujas manifestações finais são percebidas como sensação. Assim representação e Afeto, estão vinculados a sistemas distintos. A representação, ao sistema de memória (do traço), o Afeto ao sistema da qualidade, da descarga, resistente à deformação e à associação. Entretanto esta oposição não pode ser levada muito longe: Na verdade o problema esta contido quase de todo na dimensão do fator quantitativo. O afeto é ingovernável, exigindo descarga, rebelde e impróprio, enquanto que no traço mnêmico ele é redutível, manejável, apto a ligar-se e a combinar. Processo em que podemos ver diferenças claras e acentuadas. Um que pode combinar significantes e outro que se expressa pela força, descarregando-se no imediato quando não é impedido pelo recalque.

Hipótese sobre o Fantasma Fundamental: Em "Construções em Psicanálise", Freud afirma que o trabalho do analista é completar o que foi esquecido a partir dos traços que deixou de si, impulsos afetivos recalcados e representações. Construí-los ou reconstruí-los tal como um arqueólogo que trabalha para reconstruir o que foi destruído, com a diferença de que o analista trabalha com algo vivo.

No caso da Construção, ela não necessariamente reproduz o que foi experimentado pelo paciente, mas produz um efeito de verdade. A Construção neste sentido não é apenas um preenchimento lacunar, uma rememoração. Pode-se assim pensar, que no caso do levantamento do recalque, há uma revinculação do Afeto à representação e no caso do Fantasma Fundamental, na sua construção há uma representação a ser vinculada ao Afeto residual, na experiência de transferência.

A construção tem a função simbólica, de estabelecer um texto onde há algo impossível de ser dito; verdade que jamais teve existência real, nunca lembrada pois jamais teve acesso à palavra. Por essa impossibilidade radical, a verdade é condenável a uma estrutura de ficção.

Possibilidade de Construção afetiva e gramatical de um saber que se impõe ao sujeito, como resposta, no silêncio de sua existência, a questões que não foram ainda feitas; porque como nos diz OSCAR WILDE, a pergunta chega terrivelmente e sempre muito depois da resposta.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Freud, O Inconsciente. 1915.
- 2 — Freud, Construções em Psicanálise. 1937.
- 3 — Freud, Escritores Criativos e Devaneios. 1908
- 4 — J. A. Miller, Sintoma e Fantasma: Duas dimensões clínicas
- 5 — Revista da Letra — Sobre o Fantasma
- 6 — Green, Andre. O Discurso Vivo.



ESCUTA

FANTASMA nem "travessia" nem "giro"

Célio Garcia

Atualmente se queremos escrever sobre o fantasma, dificilmente podemos deixar de lado o trabalho de Jacques Alain Miller "Duas dimensões clínicas: do sintoma ao fantasma". Logo de início, ele nos adverte: "não podemos esquecer que Lacan situou o fim da análise em relação ao fantasma..."

Anteriormente, Miller foi o primeiro a dar-se conta de que nem tudo entra na cadeia significante, reconhecendo assim o lugar na experiência analítica para esta importante questão aqui nomeada fantasma. São dois momentos em torno do ensinamento de Lacan quando nos damos conta da importância da noção que ora nos ocupa.

Quanto ao primeiro momento, bastaria lembrar que o final da análise articulado ao fantasma, mais exatamente à "travessia do fantasma", nos libera do impasse onde havia deixado Freud quando ele apontava o "rochedo da castração" como uma limitação do trabalho em análise. Recentemente tive ocasião de refletir juntamente com uma colega sobre a questão e nos pareceu que o impasse em questão significa muitas vezes imobilismo, senão esvaziamento, destruição, movimento por certo comprometedor por parte do paciente-analisando.

A proposta de Miller após trabalho a partir de Lacan vem nos redimir dessa dificuldade ao apontar para uma possibilidade, digo possibilidade, pois não quero me adiantar sobre o destino desta proposta.

O que aumenta a importância da proposta vem a ser ética conseqüente invo-

É verdade que Jacques Alain Miller havia intitulado seu seminário em Paris "Do sintoma ao fantasma e a volta".

Deixo aqui a questão para retomar aspecto já mencionado nos primeiros parágrafos — "nem tudo está na cadeia significante". Foi importante a observação, especialmente, feita numa época quando os que estavam em volta de Lacan não se davam bem conta do reparo contido na observação.

A atenção voltada para a cadeia significante consegue registrar os jogos do significante, mas deixa de registrar este segundo aspecto, precisamente, o objeto, ou se quisermos o "real".

Será por conseguinte, uma clínica do real que estará aqui sendo invocada.

Não basta ao analista o interesse pelos jogos do significante; já nos poetas surrealistas e outros aficcionados pela palavra e suas artimanhas nos fizeram descobrir quão interessantes podem ser estes procedimentos.

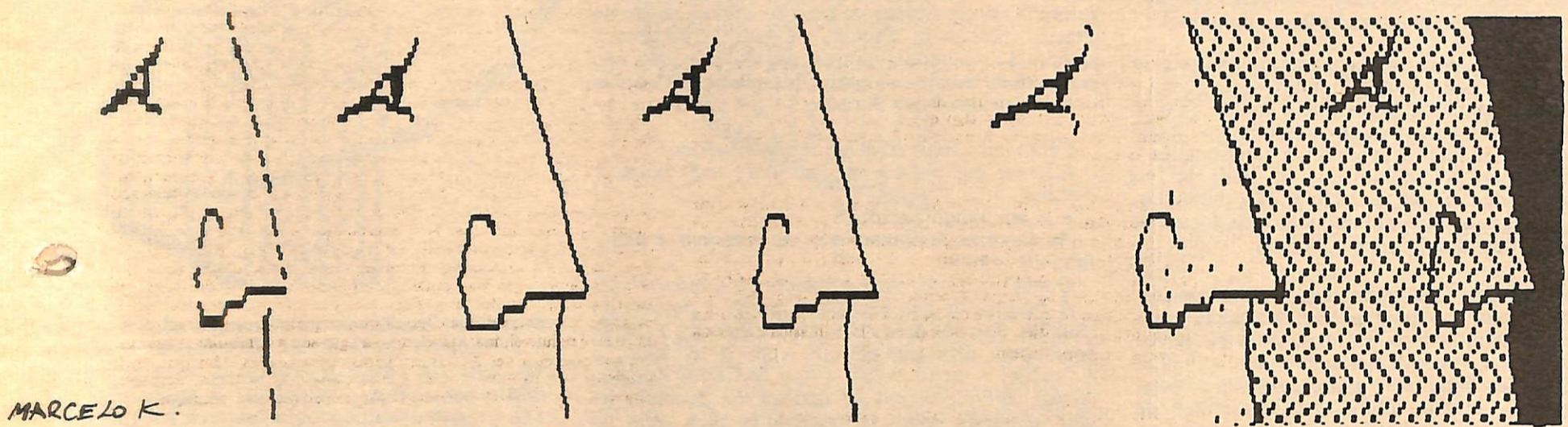
O fantasma, dirá Miller no texto citado, vem a ser um axioma, uma frase feita que se apresenta a nós como capaz de deslanchar o gozo. Aliás é sabido, os que nos procuram se queixam de sintomas, não se queixam dos fantasmas. Os fantasmas, nós os guardamos no mais íntimo, eles são nossos queridos trambiques que nos fazem gozar. O fantasma finalmente seria irredutível.

Como pensar a questão do final de análise agora que a articulamos com relação ao fantasma? Seria a posição do sujeito frente ao fantasma a única capaz de mudança? Ou em outras palavras, o analisando teria tido a oportunidade de tomar distância com relação ao próprio fantasma, nada mais; já que não se trata de fazer desaparecer o fantasma. Retomo neste próximo parágrafo a questão deixada anteriormente, isto é, haveria travessia do fantasma, seria apropriado fazer travessia?

Travessia nos leva a admitir numa volta ao pulsional, agora apreendido diretamente já que deixamos o significante e sua cadeia para trás.

De fato podemos pensar em outra solução para a questão. Foi o que nos trouxe Gerard Pommier em "A propos de la passe" (ver "Delenda N° 5, 5 de fevereiro de 1981).

O fantasma estaria sempre em posição de quiasma com relação ao enunciado, quiasma passando exatamente na articulação ("poisson" é o termo de Lacan) entre o sujeito barrado e o objeto a.



cada a partir da noção de "travessia do fantasma", uma ética capaz de substituir a antiga ética (freudiana?) encontrada num tratamento conduzido a partir do impasse da castração.

Ambas merecem nossa atenção e nós as consideramos ambas capazes de inspirar práticas dignas de nossa admiração. No entanto a ética articulada a partir da "travessia do fantasma" pode ser vista como uma saída, pois em nossa prática temos visto casos onde um certo imobilismo tem caracterizado certos casos de final de análise.

Imobilismo que no melhor dos casos significa sabedoria; no caso sabedoria ("sagesse") destituída de ilusões é bem verdade, mas amarga, pois acompanhada de esvaziamento do personagem uma vez terminada a análise. O tema é por demais grave para ser considerado esgotado aqui ao cabo destas linhas. Fica a menção para mais longa reflexão posterior. Quero acrescentar que "travessia do fantasma" vem a ser uma fase avançada do processo analítico, havendo sempre a possibilidade de uma interrupção que marque um limite. Limite que seria de escolha do analisando na medida do possível em condições de determinar se ele está disposto a ir mais longe ou parar por aqui. Fica em minha memória a frase da minha analisada — "Dr. eu sei o marido que tenho, gostei da análise, mas fico por aqui."

Sabia que se continuasse o processo, se fosse adiante na "travessia do fantasma" haveria por certo conseqüências ao nível da relação com o marido, e certamente ao nível da vida psíquica da nossa analisada. Ela também haveria de dar-se conta das conseqüências que acarreta o exame do fantasma vivido numa relação matrimonial.

Mas, interrompemos a análise sem grande dificuldade.

O outro aspecto já sugerido nos termos usados nos parágrafos anteriores diz respeito ao próprio termo "travessia". Travessia em direção a quê? No caso atravessar sugeriria que vamos em direção ao pulsional? Se é verdade, como vamos entender esta pretensão de trazer o pulsional finalmente em abordagem tão imediata? São questões aqui assinaladas.

Pommier prefere falar de "giro" em vez de "travessia". Entendemos que giro diz respeito ao sujeito. A citação de Lacan é: "...ce virage où le sujet voit chavirer l'assurance qu'il prenait de ce fantasme, où se consitue pour chacun sa fenêtre sur le réel..."

E Pommier pode concluir: "Ce qui se retrouve dans cette extrapolation du trou, c'est non pas ce qui est premier mais sa decution logique dans le montage de la passe, non tant une travessée, qui fait image linéaire, que ce virage où la fixité du fantasme chavire".

Não dou maior desenvolvimento ao parágrafo acima citado, pois trata-se de tema em estudo; o próprio artigo de Pommier exigiria maiores esclarecimentos. Quero concluir propondo que tanto a expressão "travessia" quanto o termo "giro" (este segundo talvez menos que o primeiro) sugerem um interesse especial pela ação terapêutica — eu me explico. O ensinamento de Lacan esteve quase sempre voltado para as grandes questões que afligem o ser falante, afligem no sentido de que o ser falante vem a ser o sujeito da ciência. A angústia advém não tanto de uma experiência vivida, mas ela tem como causa uma questão, uma pergunta.

Ora quando enfatizamos uma solução mesmo que habilmente encaminhada como esta dita "travessia do fantasma" estamos nos envolvendo com uma solicitação de nossos colegas e discípulos ou então uma solicitação proveniente de nós mesmos, solicitação esta que diz respeito novamente à terapêutica, ao "saber fazer" com os pacientes, verdadeiro "Know how" a disposição dos analistas lacanianos ou não.

Penso que com este interesse voltado para a terapêutica estamos necessariamente nos afastando de um projeto que era desenvolvido precipuamente por Jacques Lacan, ou seja, as chamadas grandes questões. Tomo como exemplo a Teologia e a solução proposta em termos de "trindade" — ou vocês acham que Lacan estava interessado na religião católica, ou na Igreja Católica?

Em vez de "travessia do fantasma", poderíamos lembrar a importância que teve a questão de "Das Ding". Fica para outra vez.



ESCUTA

Um ensaio de mistério: O Feminino

Nelisa de A. Guimarães Sette Pinheiro

*“A porta da verdade estava aberta,
Mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.” (1)*

Cada analisando nos confronta com perguntas com as quais já nos confrontamos desde que nos sabemos sujeitos. Nossa consciência assinala uma preocupação com a origem do que somos e tenta teorizar sobre o percurso que seguimos desde nosso momento inaugural até nossa morte. E trabalho de analista nos recoloca no centro da questão sobre a origem sem que possamos nos desviar, e enveredar por caminhos exclusivamente imaginários. Freud nos apontou, entre os desvios, o destino último das nossas investigações analíticas, situando-o na construção de profantomas — estruturas supostamente inaugurais da vida psíquica que se servem dos acontecimentos reais, mas guardam, em relação a eles, uma especificidade e uma irredutibilidade próprias.

Pretendo, aqui, tocar a fantasmática relacionada ao feminino (à origem da diferença sexual), e ao feminino em psicanálise, utilizando a análise que por ora faço da minha prática de analista e de sua função dentro das cenas referentes à minha fantasmática e dentro do circuito pulsional que, a partir daí, se move. As evidências de tal análise, tão particular, surgem nas minhas opções temáticas e na forma de trabalhá-las. “Eu sou barroca” (2).

Tomo duas vias, a da psicanálise, e a das considerações sobre o social. Começando com a teoria psicanalítica, lembro um artigo de Maria Clara Pellegrino (3), que propõe “buscar um significante primário que valorizasse a falta como estruturalmente do desejo feminino” — buscar, enfim, uma singularidade da condição feminina. Maria Clara retoma Luce Irigaray ao apontar a negatividade como significante singular da sexualidade feminina: um “nada-ter” e um “nada-a-mostrar”, que resultam de uma trajetória de investimentos identificatórios e objetais, e que conduzem à submissão a uma lei fálica, a um discurso e a um saber masculinos. Maria Clara coloca ainda algumas considerações de Lacan sobre a posição do analista, relacionando este silêncio feminino ao silêncio do analista, ao seu despojamento narcísico na direção de um “ser para a morte” (que permite a emergência do sujeito analisante).

Estão aí associados: a posição do analista (silêncio), a posição feminina (negatividade), e a morte (falta absoluta).

*“Até hoje sei quem me pensa
com pensamento de homem:
parte que em mim não pensa e vai da cintura
aos pés
reage em vagas excêntricas,
vagas de doce quentura,
de um vulcão que fosse ameno,
me põe inocente e ofertada,
madura pra olfato e dentes,
em carne de amor, a fruta.” (2)*

Articulando a condição feminina à condição masculina, Betty Fuks e Vanessa Pereira Leite (4) recolocam os principais conceitos freudianos referentes ao Édipo e à castração, e concluem: a condição feminina é a condição de “ser marcada pelo outro”. Essa marca se dá desde o momento em que o pênis se apresenta como “única possibilidade de equivalência fálica”, e o complexo de castração é vivido pela mulher como uma tentativa de obtê-lo de qualquer jeito (nesse caso, a questão anatômica teria um importante papel); assim sendo, até emergir, para a mulher, a possibilidade de ser objeto do desejo masculino e alcançar uma identificação propriamente feminina. O ciúme exemplificaria o pavor de não ser única no desejo do outro e a presença fantasmada de uma “outra” desejada por esse outro, e o pavor seria sempre o da perda de amor... Através do amor, do trabalho, e de outros modos, vem a se manifestar o que estruturalmente é conhecido como “desejo de ter um filho do pai” — desejo que é feminino, e está referido sempre à busca de uma posição de objeto do desejo masculino. Porém, cuidado: “perguntem sempre a uma mulher o que é que ela quer, mas não respondam jamais” — assim Betty Fuks (5) sintetiza o aviso deixado por Freud.

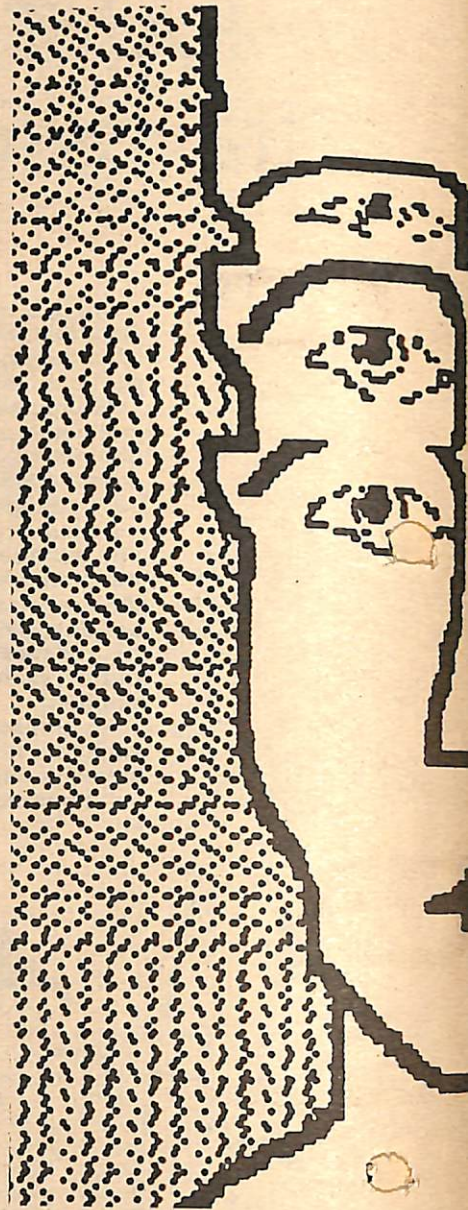
*“Não luto mais daquele modo histórico,
Entendi que tudo é pó que sobre tudo pousa e
recobre*

e a seu modo pacífica.

*As laranjas fredianamente me remetem a uma
fatia de sonho.*

Quem somos nós entre o laxante e o sonífero?” (2)

A postura de não responder remete à postura do analista, que não deve responder demandas, e que se confronta, permanentemente, com o feminino, a castração. A partir de um artigo de Carlos Augusto Nicéas, sobre o desejo do analista (6), podemos seguir pensando sobre tal confronto: para além do silêncio sobre seu desejo, o analista prossegue uma articulação do desejo de analisar (que se evidencia desde que aceita um paciente), atualizando-o como um “desejo de exclusão de um terceiro personagem” (o que é garantido pelo segredo) e como uma transferência sobre seu paciente” (o que aparece na tentativa de colocar o paciente como objeto de seu desejo); o analista procurando, em sua prática, uma “resposta imaginária à castração”, procurando o falo (manifestamente em seu desejo de descoberta, de produção original, de poder, de verdade), e esbarrando sempre na fantasmática edípica... Aí, uma confrontação — diz Nicéas: “ambos (analista e paciente) confrontados à Castração, à falta fundamental...” De objeto do desejo do paciente quando este o procura e para ele aponta, o analista passaria a reencontrar seu próprio desejo, desembocando na falta de objeto e se estarecendo diante de um fantasma — a castração e sua relação com um “feminino inaceitável e temido” (7). A inaceitação e o temor existindo porque há uma polarização do sujeito diante do Falo (símbolo único do inconsciente, que vai emprestar valor fálico aos objetos e a partes do corpo, como o pênis, por exemplo) — ter ou não ter o Falo (e ser castrado). O trauma da visão do corpo da mulher faz com que o sujeito se defronte com uma nova polaridade: o



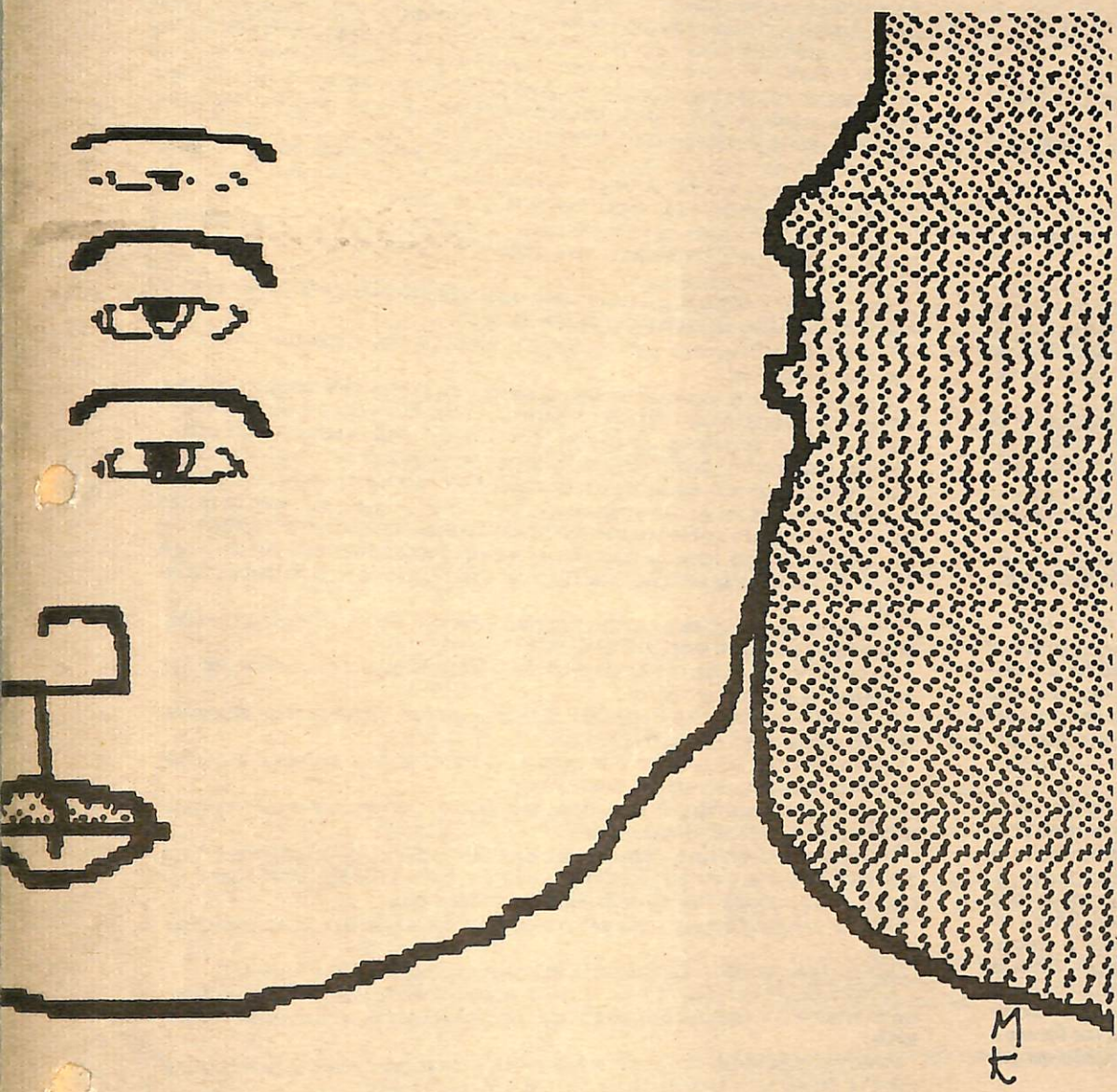
feminino, conjugado na diferença com o masculino, e a evidência (para Freud) de uma falta, de um não ter, que vai passar a requisitar uma representação simbólica... Mas, “resistimos à ausência do Falo” (7), e é essa resistência que aparece na análise (como apontou Freud, ao remeter suas resistências ao complexo de castração). Resistimos, e não encontramos uma significante que especifique o feminino... Algo que aponte na direção de uma resposta para perguntas como estas: o que quer um homem de uma mulher? e o que quer uma mulher de um homem? As análises tocam tais perguntas todo o tempo, porque são obviamente questões vitais de homens e mulheres, analisando e analisadas. Estão aí associados: o desejo do analista (falo), a castração, a busca de representação do feminino e a resistência correspondente.

*“Na cama larga e fresca
Um apetite de desespero no meu corpo
Uivo entre duas mós
Uivo o que?”*

E vou sublinhando o feminino, marcando o que me persegue... Tento um raciocínio debruçado sobre o social que resulta do encontro com o Outro que me espelha. Pretendo exemplificar algumas articulações recentes e próximas do social em relação ao par feminino-masculino, para tentar retomar, em algum esforço esquemático, tomo dois movimentos: o da



ESCUTA



analista (diante de seu limite, um "consolo"): é o próprio limite da análise.

*"A mulher pode vinte orgasmos?
De tão tolo esmero não cuido." (2)*

Castração e desejo — este nascendo de uma impossibilidade que se recusa como impossível e, por isso, insistindo numa forma de procurar determinada por uma fantasmática. Uma fantasmática é singular nos seus "traços" e no seu "dinamismo" (10), e vemos, nelas, a representação de uma impossibilidade e de alguma possibilidade — também na cena analítica.

*"E meu cio que não cessa,
Continuo indo ao jardim atrair borboletas
E a lembrança dos mortos" (2)*

Penso em como repito a palavra e na sensação de prazer que tenho, quase sempre, ligada ao trabalho da análise.

Penso em como a prática de analista vem me proporcionando um prazer que integra a passividade (algo tipo "atrair borboletas" para que façam, diante de mim, seu difícil vôo solo)...

Penso no meu horror à morte alheia, na minha alegria em ter um filho, e na repetição desse jogo de morte-e-vida nas sessões (a transferência, entre lembranças e promessas)...

Penso no meu medo de ser traída por outra mulher, excluída... Nessa cena a dois da análise, cada um de nós vai representando pólos assexuados, entre os quais a pulsão sexual circula e deixa marcas: ativo-passivo, sujeito-objeto, castrado-não castrado... numa busca incessante de prazer, de definir masculino e feminino, de encontrar algum objeto, e de saber. Para Freud (11) essa busca de saber se dirigiria ao feminino enquanto não representado no inconsciente. Para Lacan (12) a lógica do significante permitiria pensar naquilo que o significante "falo" faria surgir como seu "fundo" e, por isso, falou ele (com Freud) num "devenir femme" (e não propriamente num "être femme") tornar-se mulher...

No fundo a castração e o silêncio da morte. E o trabalho da análise sustentando histericamente um questionamento nesta direção. Agora, não associo nem penso — constato:

*"ENTRO E SAIO
DENTRO É SÓ ENSAIO". (13)*

"opressão" sobre a mulher e o da "igualdade" entre os homens e mulheres.

Desde que se passou a falar em "opressão", já havia uma proposta de mudança de posição da mulher embutida neste tipo de análise, "a posteriori" que interpretava a posição da mulher como "oprimida" e a do homem como "opressor". Se cabe à mulher liberta, é porque ela passa a ser igualada ao homem em seus direitos, inclusive no direito à sexualidade própria. As considerações sobre a histeria, no século XIX, revelam uma nova tentativa de habitar o corpo feminino, numa nova forma de posse sobre o corpo, onde o recalque falha e o prazer sexual busca um disfarce diante da censura moral. A sexualidade feminina ganha corpo, e Freud procura identificá-la. Paralelamente, também desde o século XIX, as ideologias individualistas e as considerações sobre a subjetividade vêm brotando e se afirmando no terreno social. A mulher, então, também se torna sujeito, e sujeito sexualizado. Começa aí uma certa interrogação sobre a sexualidade feminina: da ocupação do corpo das históricas de ontem, para as considerações capilares sobre a identidade psicosexual das históricas de hoje. No campo da psicanálise, esta interrogação está bem posta desde Freud, e, segundo Marie Cleire Booms (8), também Lacan segue a mesma interrogação e tenta circunscrever o espaço significativo do gozo feminino: sendo um a-menos (Freud) o a-mais (Lacan) a referência é ainda o gozo masculino — o feminino referido ao infinito, ao divino-diabólico, ao excesso. E, desde que se passa a

falar em excesso, já há uma perspectiva de redução, de domesticação. O feminino exuberante representando, diante disso, a tentativa de escapar ao limite (escapar para ser e afirmar-se). O retorno do recalco (na histeria, por exemplo) seria então o feminino, ou seria algo da ordem da sexualidade que o representa... Hoje, fala-se muito de "homens femininos" e "mulheres fortes ou fálicas", e estas expressões parecem condensar vocações totalizantes do movimento de igualdade entre homens e mulheres. Movimento paradoxal: liberta os sujeitos de identificação estreitas e rígidas, e os aprisiona na ilusão da eterna bissexualidade. Freud dizia (9) que as mulheres não abandonariam seu desejo de um pênis, na eterna tentativa de recuperação da castração, e que os homens não deixariam de lutar contra a passividade para com um ou outro homem, na eterna tentativa de afastamento da angústia da castração. Em homens e mulheres, haveria uma resistência permanente à aceitação da castração, e este seria um limite decisivo para a análise:

"Freqüentemente temos a impressão de que o desejo do pênis e o protesto masculino penetram através de todos os estratos psicológicos e alcançaram o fundo, e que, assim, nossas atividades encontraram um fim" (9)

"Só podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa todo incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude..." (9)

Estão aí associados: a não aceitação da castração, a produção de desejo nessa direção, a castração no

(1) C. Drummond de Andrade — Corpo. Record, 1984
(2) Adélia Prado - O Coração Disparado Salamandra, 1977
(3) Maria Clara Pellegrino — a Psicanálise no Feminino, em Caderno de Psicanálise SPCRJ-IP, ano 4, nº 6, 1985
(4) Betty Fuks e Vanessa Pereira Leite — A Mulher e a Psicanálise: algumas questões sobre a feminilidade, em Memória IFP/Cartel, ano II, nº 2, 1986
(5) Betty Fuks — Formação Psicanalítica — Uma Interminável Questão, em: Memória IFP/Cartel, ano II nº 2/1986
(6) Carlos Augusto Nicéas — O analista e seu desejo: Aproximação, em: Psicanálise: o imaginário. Coscientia, nº 4, Vozes, 1976
(7) Carlos Augusto Nicéas — Primado do Falo e Castração Feminina em: Feminino: Aproximações. Teoria da Prática Psicanalítica 4, Campus, 1986
(8) Marie Claire Booms — A Propósito do Orgasmo, em: Birman e Nicéa, O Feminino: Aproximações: Campus, 1986
(9) S. Freud — Análise Terminável e Interminável, 1937, em Obras Completas; Imago.
(10) Laplanche e Pontalis — Fantasia, em. Vocabulário de Psicanálise, Moraes, 1971
(11) S. Freud — Fantasias Históricas e sua relação com a bissexualidade, 1908; e Organização Genital Infantil, 1923, em OBRAS COMPLETAS, Imago
(12) J. Lacan — Le Séminaire, livre XI, Les Quatres Concept Fondamentaux de la Psychanalyse. Le Seuil, 1964
— Le Séminaire, livre XX, Encore. Le Seuil, 1975
(13) P. Leminski — Caprichos e Relaxos. Brasiliense, 1983



ESCUITA

Indizível Feminino

Ângela Maria de Souza Batista

"A menina agora terá que se entender com aquele homem, o primeiro que se apresentou a ela na balsa."

"Entre a menina e o Amante a travessia no rio".

Freud depois de muito escutar a fala das mulheres remeteu-a à condição de um enigma; a uma impossibilidade tão radical que após suas investigações teóricas, encaminhou a questão aos poetas.

O que quer uma mulher?

Que os poetas dela se ocupem! Questão que apontaria para os limites desta investigação. Apontando para o real, irrepresentável, indizível. Neste sentido é que as manifestações artísticas, buscaríamos recobrir o silêncio das palavras. Abordar o real na sublimação, equivale recobri-lo por uma produção imaginária, uma reprodução estética que tem por função ocupar o vazio da representação.

Neste trabalho me endereço a um texto poético escrito por Margarite Duras, onde ela nos convida a percorrer por estes obscuros silêncios, que chamei de indizível feminino. Em o "Amante", ela nos conta uma história de amor. A história de um primeiro amor. Entre a menina e o amante a travessia no rio.

Este trabalho pretende associar algumas idéias por relação ao fantasma do feminino na mulher.

A descrição freudiana do desenvolvimento da mulher começa por sinalizar a ligação desta com o objeto primordial, cuja característica reside ser do mesmo sexo. Que travessia teria que percorrer para tornar-se mulher? Travessia assim contada:

"A história de minha vida não existe; ela não existe."

Jamais tem centro, nem trilha. Há vastos espaços onde se diria existir alguém, mas na verdade não havia ninguém. A história de uma pequena parte de minha juventude já escrevi mais ou menos, quero dizer, já contei alguma coisa sobre ela, falo aqui daquela mesma parte, a parte da travessia no rio. O que faço agora é parecido e diferente. Antes falei dos períodos claros, dos que estavam esclarecidos. Aqui falo dos períodos secretos dessa mesma juventude, das coisas que ocultei, sobre certos fatos, certos sentimentos, certos acontecimentos."

A realidade do feminino funda um silêncio no saber dos homens e das mulheres. Nesse sentido é que nenhum sujeito nasce homem ou mulher, torna-se. A travessia na sua gênese, forma o primeiro tempo da perversão como estruturante, caracterizando um roteiro na vida de cada sujeito, um caminho pulsional desviante, no sentido de preservar o corpo como falo; matriz erógena. Assim sendo penso ser necessário caracterizar a perversão como uma das vias pela qual o sujeito se estrutura. Freud, no texto "Três Ensaios Sobre a Sexualidade", nos diz que há algo inato nas perversões, mas algo inato em todas as pessoas, embora como uma disposição possa variar de intensidade e ser aumentado pela influência da vida real. Postula a existência de uma disposição perverso polimorfa, sendo esta característica humana, geral e fundamental. No início o ser humano não é um sujeito, é um objeto dos cuidados maternos, objeto de desejo de um outro, sem existência, não fazendo a experiência de si mesmo. A cena originária se inscreve como um feixe de pulsões que primariamente busca satisfação, independente do objeto. O desejo, deseja...

Neste momento, nos é necessário para a compreensão da travessia feminina, pensar a mulher por relação ao desejo, ou seja, referi-la ao falo. Pensar esta sexualidade em conexão fálica que precede o nascimento de todo sujeito humano. O ser do feminino está longe de ganhar assim uma representação falocêntrica. Ao falo é dado um lugar de significante da falta, único símbolo estruturante do desejo. O falo não é o pênis, pois antes mesmo do investimento do órgão sexual, o falo é o próprio corpo do sujeito, como matriz erógena diferenciando o corpo falo do corpo biológico.

Se o falo se inscreve no campo da percepção, o que não se vê, determina a falta, substituída por uma presença ilusória, sempre imaginária.

A mulher em sua travessia, terá que ser mesmo polimorfa por relação a castração; desdobrável como expressão do conflito entre o objeto da identificação e o objeto do desejo. Pensar a mulher por relação ao desejo, é pensá-la onde ela não é. Falo imaginário para um Outro, que desde este lugar a investe narcisicamente. E é a partir deste investimento que

ela poderá obter a condição necessária para toda relação objetal futura. Tornar-se mulher, apontaria para uma separação — esta raiz mais arcaica de perfeição narcísica. Trata-se, pois, de um trabalho a ser feito que inclui a percepção da incompletude da mãe e de sua própria. Freud ilustra este narcisismo, como imagens de onipotência das idéias e do desejo através da manipulação mágica do objeto. O que ocorre é que o desenvolvimento do sujeito o coloca no princípio de realidade, que se opõe à expansão do narcisismo. De tal oposição, surge o ego ideal, herdeiro desta primeira marca de amor.

O conceito de narcisismo como o conceito de falo, como estruturante, nos remete ao desejo; quero dizer para a relação do sujeito infantil com o desejo de sua mãe.

"A menina sabe o que faz, é aquilo que a mãe deseja que fizesse."

"É por este motivo também que a menina sabe muito bem o que fazer para canalizar a atenção que ela desperta, por seu anseio por dinheiro. Isto faz a mãe sorrir."

"A menina está onde precisa estar."

Mãe a menina fazem parte de uma unidade, onde pela dependência de amor, a menina se faz falo imaginário, para completar aquilo que falta.

Qual a saída então possível para esta relação originária, tão ambigualmente tecida de imortalidade e de morte?

A possibilidade seria pela vinda do desejo, ou seja, em se constituir desejante pela presença do pai como agente de castração. Separação, castração, o que importa é a possibilidade de investir outros objetos, que não a mãe; transcender o objeto incestuoso, ir além.

Que a mulher necessite para fazer história do pai como metáfora da lei, não é suficiente.

A questão fica ainda colocada na separação, como primeiro corte, como expressão daquilo que falta no objeto e que não é encontrado. Neste sentido é que o pai tem uma função estruturante para que o sujeito possa se libertar de uma ilusão primária, que o definiria como objeto absoluto do desejo da mãe. O pai é uma diferença introduzido por um desejo da mãe que não se esgota no filho. O que significa uma ruptura ao nível do narcisismo infantil.

O complexo de castração ainda como trajetória especular, é o que determinaria o olhar deste sujeito para onde se dirige o olhar da mãe.

"Creio que somente do mais velho ela dizia: Meu filho. Às vezes o chamava assim. Dos outros dois ela dizia: Os mais novos."

"Minha mãe jamais falou sobre este filho. Jamais se queixou. Tratava aquela maternidade de como se fosse delito. Ela a mantinha oculta."

"Como o filho mais velho, ela também despreza os fracos. Sobre o meu amante de Cholen, ela dizia o mesmo que o irmão mais velho."

"Na presença do meu irmão, ele deixa de ser meu amante. Não cessa de existir; mas nada significa para mim. Torna-se letra morta."

O Complexo de castração é, portanto, um jogo identificatório, introduzindo um Outro na constituição do inconsciente, dividindo o sujeito e causando desejo. Desejo que surge nesta travessia, como uma transgressão, cujo fantasma é a morte.

"Sinto que o desejo. Digo que ainda não posso deixar minha mãe, que eu morreria de pena."

"Digo que estou pensando em minha mãe, que ela me matará se souber a verdade."

A busca daquilo que falta no objeto, coloca a mulher diante das oscilações do movimento pulsional, cuja carne se encontra numa disposição bissexual, a qual sempre se vê ferida.

Falo como expressão de um desejo, que inclui um gozo de completude, onde ser menino e menina, determina no lugar de um gozo a menos um gozo a mais.

A procura de um estado ideal em que inexistiria a falta à mulher nesta travessia buscaria através da ilusão bissexual, ser completa. Ilusão construída a partir da diferença sexual.

"Não são os sapatos de lamê dourado, que dão a nota insólita, estranha, à figura da menina daquele dia. O que há de inusitado naquele dia é o chapéu de homem em sua cabeça, com as abas caídas de feltro cor-de-rosa, com sua larga fita preta."

"A ambigüidade determinante da imagem está no chapéu."

"Sob o chapéu de homem, a magreza ingrata do corpo, aquele da infância, parecia outra coisa. Deixou de ser um elemento brutal da natureza. Transformou-se em algo oposto, uma escolha que contrariava a outra, uma escolha intencional. Subitamente vejo-me outra, como outra será vista, lá fora, à disposição de todos os olhares, lançada na circulação das cidades, das estradas, do desejo."

A crença na onipotência do atributo fálico preserva um momento anterior que diz respeito à ilusão narcísica referida à mãe. Entretanto marca já um outro tempo, e é neste sentido que a negação da diferença encontra suporte para o não reconhecimento de que o objeto do desejo da mãe esteja em outra parte e não no seu próprio ser. Tendo a mulher que negar este lugar de não ser toda, de não representar a totalidade desejada. O primeiro objeto de amor é o que ela é, ao mesmo tempo que o que ela não é. O que possibilita a identidade é igualmente o que possibilita a estranheza.

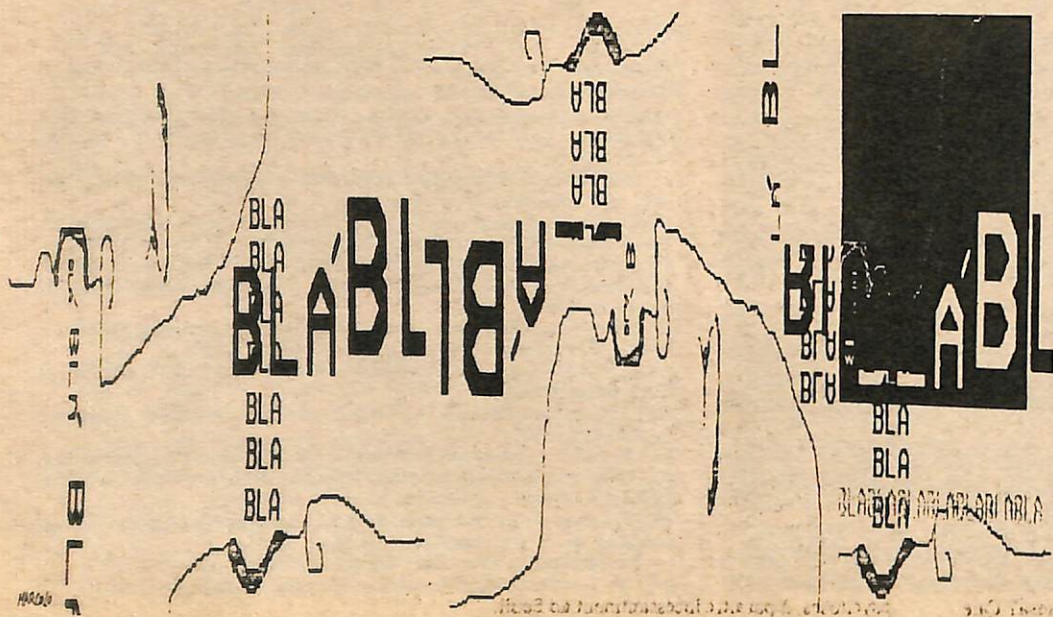
Colocado o paradoxo, descubro-me dentro dele. Pois, se por um lado encaminho a questão do indizível feminino como sendo da ordem do real, por outro investigo a travessia do feminino na mulher tomando a castração como estruturante. A contradição onde me descubro, diz respeito à oposição entre castração e real. Questão que merece maior reflexão. Uma que aponta para uma ausência referida a castração passível de ser simbolizada, e outra referida ao real indizível. Castração que se impõe em diversos tempos de viver, exigindo constantes elaborações. Questão do inconsciente, dizível e indizível.

A mulher neste sentido estaria sempre privada de seu primeiro objeto de amor ao mesmo tempo que, com ele, jamais deixaria de dialogar. Paradoxo que aponta para o ilimitado do gozo, para o indizível feminino como também para a diferença entre o gozo sonhado e o gozo obtido.

Gozo perdido ou eterna demanda de amor?

BIBLIOGRAFIA

- 1 — FREUD, S. — Sobre a sexualidade feminina, 1931. Obras completas
- 2 — FREUD, S. — "Três ensaios sobre a sexualidade", 1905
- 3 — BOONS MARIE CLAIRE — "A propósito do amor". Reverso
- 4 — FREUD, S. — "A feminilidade", 1932. Obras completas
- 5 — LACAN, J. — "Encore"
- 6 — DURAS, M. — "O Amante"





Fantasma e Interpretação

Laurence Bataille

Traduzido para o Português por Elza Marques Lisboa de Freitas

Que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem acarreta conseqüências práticas, na direção do tratamento. O psicanalista não deve se interessar pelo vivido, mas sim pelo que é estruturado.

Freud, que não disse explicitamente: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", procedia assim: não se tratava para ele de reparar a vivência das experiências penosas, mas sim de preencher as lacunas da história. A reparação e a cura vinham por acréscimo. Sua pesquisa incidia sobre a reconstituição da neurose infantil.

Tomarei como exemplo a análise do homem dos ratos. Quando este jovem rapaz lhe conta suas primeiras experiências sexuais diz: "Eis como começou minha neurose". Mas Freud precisa: "Este não é o começo de sua doença. É uma neurose obsessiva completa, à qual não falta elemento essencial algum; é ao mesmo tempo o núcleo e o modelo de sua neurose ulterior, uma organização elementar cujo estudo pode nos permitir compreender a organização complicada da doença atual". (1).

Esta organização é o que chamáremos hoje de estrutura. Trata-se para Freud de reconstruir a estrutura elementar.

Esta redução da estrutura complicada à estrutura elementar, é exatamente aquilo que Lacan indicou como ponto de mira do tratamento: reduzir o número de significantes para que o analisando aí se referencie, reduzir a abundância imaginária à "pobreza simbólica".

A estrutura elementar da neurose do homem dos ratos, Freud a traduz por uma frase: "Se tenho o desejo de ver uma mulher nua, meu pai deverá morrer".

Esta frase contém os elementos essenciais da estrutura inconsciente: desejo, pulsão (de ver), uma mulher, o pai, (e o pai morto), e é claro "eu", o "shifter" que designa o sujeito — deve-se observar que Freud emprega a primeira pessoa do singular e não a terceira. Ele não diz "ele", ele diz "eu".

Estes elementos são religados entre si pela estrutura edípica: uma mulher aí representa a mãe recalcada pela interdição do incesto; "eu" é a criança que deseja, e "meu pai" é o rival ameaçado de morte.

Para Freud, é a estrutura edípica que forma o núcleo de toda neurose no coração de nosso ser. Para Lacan, parece que toda posição neurótica se sustenta do fantasma, já que é sua travessia que põe fim ao tratamento. Isto não é sem efeito sobre a concepção de interpretação.

Para tentar delinear algumas questões levantadas pela interpretação lacaniana, eu prosseguirei com o exemplo do homem dos ratos.

Sabemos que as notas que Freud tomou durante os quatro primeiros meses desta análise foram encontradas — e publicadas (2). É destas notas que eu tirei os dois fragmentos que utilizarei.

Na primeira sessão o jovem rapaz conta uma lembrança que data de seu quarto ou quinto ano: "Nós tínhamos uma jovem governanta muito bonita, Mademoiselle Robert. Uma noite estendida sobre o canapé, levemente vestida, ela lia. Alongado ao lado dela, eu lhe peço permissão de me enfiar sob suas saias. Ela consente com a condição de que eu não diga nada a ninguém. Ela não trazia nada quase sobre si; eu tateei suas partes genitais e seu ventre que me pareceu "curioso". E acrescenta: "Desde então, eu não parei de ser atormentado por uma curiosidade ardente de olhar o corpo das mulheres."

O que é dizer isto senão afirmar que esta pequena cena sustenta há mais de vinte anos, o desejo dos homens dos ratos? Esta cena tem, portanto, a função de um fantasma.

Ela tem dele também a estrutura. Poderia mesmo servir para ilustrar a fórmula lacaniana do fantasma: \$ □ a.

O \$, o sujeito desaparecido, como poderia ele ser melhor representado senão pelo pequeno menino enfiado sob as saias. São saias do fim do século passado, sob as quais um pequeno menino de três ou quatro anos podia facilmente desaparecer.

O objeto a, é no termo "curioso" que parece se condensar. Porque curioso com efeito? Freud observou imediatamente que o jovem rapaz designava a governante por seu nome de família, o que era completamente inabitual nas famílias da burguesia vienense, nos diz ele. Daí ele conclui que era porque este nome de família acontecia ser um prenome masculino. Se os órgãos genitais da jovem "Robert" pareciam curiosos ao pequeno menino, é porque ele aí não sente o pênis, ou órgão genital — poderemos dizer —, já que no estado fálico só há um órgão genital, o phallus. O "curioso", é marca do signo "—". O objeto a traz para si uma parte da sua fascinação a relação com — φ.

Não temos então de um lado o sujeito desaparecido, de outro o objeto ausente. E a punção □? Lacan nos diz que podemos fazer dela múltiplas leituras. Proporei aqui, várias. O pequeno menino está ligado a este objeto pelo tato, esta demarcação cega sob o continente da saia; pelo desejo de ver aquilo cujo toque lhe deu a idéia; pela interrogação que o liga a este objeto. Mas sobretudo como pude dizer: de um lado o sujeito, de outro o objeto? Na verdade eles estão exatamente do mesmo lado, sob a saia. E será que não podemos até dizer que estão identificados um ao outro? Porque, que faz ele, este pequeno curioso, contra o ventre da governante de prenome masculino? Que faz ele, o homem dos ratos, enfiado sob as saias da mulher, no meio do salão de sua família burguesa? Que

faz ele assim velado a todos os olhares?

Dois meses e meio mais tarde, o paciente conta uma outra "lembrança" precoce: "Muito antiga lembrança de sua mãe alongada sobre um canapé, se levantando e tirando debaixo de sua saia algo de amarelo que ela depositou sobre uma poltrona. No momento ele quis tocar aqui, mas grande horror" (3).

Não podemos deixar de sentir o impacto a semelhança das duas lembranças: posição das duas mulheres, importância do que se passa sob a saia. Mas desta vez não é a bela governanta que aparece, mas a mãe, com conotação de horror. Nosso sujeito, o pequeno menino, não é mais que espectador, reduzido ao olhar sobre o objeto, que desta vez é produzido à visão — e o desejo exprimido é de tocar. Não podemos pensar que é desta lembrança — talvez inteiramente forjada por ele, pouco importa — que a primeira pequena cena tira sua força de provocação do desejo de ver o corpo das mulheres?

Considero então este "algo amarelo", este etwas gelbes, como o objeto a do homem dos ratos. Para adiantar isto, estou em posição privilegiada já que tenho um texto a minha disposição. Eu posso voltar atrás, verificar a concordância dos termos, coisa que não posso fazer quando estou lidando com o relato de um analisando. E eu posso estar certo daquilo que vai se seguir, o que é evidentemente ainda mais impossível ao longo de um tratamento.

O que faz seguimento ao relato da lembrança no curso da sessão parece confirmar minha interpretação etwas gelbes como objeto a. O homem dos ratos explica que mais tarde ele pensou que este etwas gelbes era uma secreção (ein seckret, talvez sem relação com o segredo — de não dizê-lo a ninguém — da governante francesa) devido à doença ginecológica que roía órgãos genitais de sua mãe. Como não pensar que há aí uma relação com o rato que rói as entranhas da dama e do pai (morto)? Relação que passa pela identificação da criança com este objeto de horror (1), do qual não se sabe se é perda ou um dejetivo mas que deve bem ter uma ligação com o enigma do gozo da mãe e da concepção das crianças.

Dar um tal valor a esta lembrança implica a necessidade de comunicar qualquer coisa ao paciente. Se eu esperar a seqüência das associações, me encontrarei sobre a vertente onde a falta de Outro é recoberta por sua demanda (a doença), e toda valorização desta demanda só poderá aumentar seu peso para o sujeito. E no momento que a lembrança chama de volta aquela da bela governante que é necessário interpretar, pois encontramos-nos aí sobre a vertente causa do desejo.

Mas como interpretar? Se não há metalinguagem, não é questão de explicar de traduzir. Fazer alusão à cena com a jovem governante só poderá incitar o paciente a acentuar seu esforço para manter isoladas estas duas cenas que devem, no inconsciente, se conjugar para que o sujeito possa ser destituído de seu fantasma.

Uma das modalidades da interpretação consiste em esclarecer o texto que se desenha entre as redes do discurso do paciente por um verdadeiro trabalho de editor: pontuação, separação de parágrafos, títulos e subtítulos. Em particular a interpretação consiste em interromper sobre aquilo que deve tomar valor de última palavra da frase, lhe dar seu sentido e permitir ao sujeito receber a mensagem da mesma, receber do Outro sua própria mensagem sob forma inversa. O analista pode portanto parar a sessão sobre a evocação desta lembrança.

Renuncia assim às associações que lhe teriam confirmado os fundamentos de sua interpretação. O que seguirá na seqüência da análise não poderá jamais ser a isto atribuído com tanta certeza, e a dúvida sobre a correção da escansão não poderá jamais ser inteiramente retirada.

Mais séria é a questão que se coloca na oportunidade de uma colocação em valor deste etwas gelbes. Poderia isto servir de última palavra da frase, deste ponto de capiton que para o deslize incessante das significações sob o fluxo do significante?

Jaques-Alain Miller opunha recentemente a interpretação a partir do Nome do Pai, à interpretação a partir do desejo da mãe. Nome do pai foi produzido por Lacan justamente como ponto de capiton por excelência, este significante do qual a ausência do inconsciente é responsável pela psicose (4). Ora, a lembrança em questão parece colocar em evidência unicamente o desejo materno.

Freud não nos comunica interpretação alguma desta lembrança. No caso publicado, ele nada trouxe do que concerne à mãe do homem dos ratos. Simples descrição ou petição de princípio? Em todo caso Freud interpreta a partir do pai, em particular neste tratamento. E na formulação da neurose elementar, ele não esquece o pai.

Podemos dizer que da implicação "se eu desejo ver uma mulher nua, então meu pai deverá morrer", somente o antecedente está presente nas lembranças evocadas. O conseqüente aumento está fora de cena. Mas desde que seja produzido algo que possa servir a delinear a causa do desejo do sujeito que fala, em relação à falta que marca a mãe, o Nome do Pai está o mais perto possível: nos bastidores.

BIBLIOGRAFIA

Revista Ornicar n° 25/1982

Édite par Lyse

Diffusé avex les Editions du Seuil

"Fantasme et Interpretation" — Laurence Bataille

(1) S. Freud, *Cine psychanalyses*, PUF 1967, p. 204

(2) S. Freud, *L'Homme aux rats*, *Journal D'une analyse*, PUF 1974.

(3) Ao longo desta mesma sessão, o homem dos ratos contara uma história sobre o assunto das teorias infantis sobre a concepção. Podemos assim elocubar sobre a assonância entre gelb e gelb, o ouro dos florins da dívida e do dote, causa do casamento do pai.

(4) J. Lacan: "Question préliminaires a tout traitement possible de la psychose"; *Écrits*, Seuil 1966. Voir aussi le séminaire livre III, structures freudiennes des psychoses, à paraître incessamment ao Seuil.

Minha Fantasminha Camarada

Eduardo Prado

Foi tudo de repente. Por um rápido instante. Saindo de trás da parede, você pulou na minha frente e fez buuu!

Meus trinta e cinco anos de idade morreram todos de medo. Para amenizar meu susto, você desatou a rir. Às gargalhadas. Eu ri também. Aí você tirou o lençol fantasmagórico. E eu te ergui no colo. Você enrolou os braços no meu pescoço, futucou a minha barba, me beijou úmida, sorriu oblíqua. Tuas pálpebras esvoaçavam como mínimos passarinhos. O botânico verde de teus olhos. Os cabelos, flocos de veludo amarelo. O olhar perplexo, longo, demorando em mim depois do riso. Me examinando. Foi assim. O rápido instante. Íntimo, total, só nosso. Tateando o nada. Preparando o amor. Rico como água na fonte, lua no céu, sonho no sono. Hoje é só uma lembrança. Para mim, que você talvez nem lembre mais. Um lembrança boa. Que me resgata do fundo, do avesso, dos meus fantasmas. Meu lindo amor repleta de estrelas, minha noite brasileira, minha filhota querida, minha fantasminha camarada.

